

ASTROLOGIA - UMA PSEUDO-CIÊNCIA?

A Astrologia - ciência das estrelas segundo os gregos - é tema de reportagem-comentário na 16a. página

UFPE tem um novo hospital

A Universidade Federal de Pernambuco administra agora o Hospital João Murilo, em Vitória de Santo Antão. (10.ª pág.)



JORNAL UNIVERSITÁRIO

ÓRGÃO OFICIAL DA U.F.PE.

N.º 11 RECIFE — JULHO — 1975 ANO VII

José Lourenço de Lima, novo membro da APL

O professor José Lourenço de Lima tomou posse na Academia lembrando palavras de Cícero. (3.ª pág.)

Domício: um poeta nos Estados Unidos

Domício Coutinho, um poeta brasileiro da Paraíba, fala sobre poesia e a sua vida. (11.ª página)

Cordel volta a ser tema de debates

Na página 2 o estudante Josemir Camilo estuda os debates sobre a Literatura de Cordel.

Universitário representa a E. de Química

O estudante Henio Normando participou de Congresso em Caracas, como delegado da Escola de Química. (5.ª página)

A origem dos gregos vista por estudiosa

A professora Martha Pimentel estuda, na página 14., a origem dos povos gregos e fala sobre os aqueus.



De repente, as águas chegaram. E com um volume maior do que se poderia esperar. Aliás, muitas medidas haviam sido tomadas para evitar que a cidade fosse "coberta" pelas águas, e ninguém acreditava nessa força tão grande. Bairros inteiros foram atingidos, sobretudo aqueles que ficam nas proximidades dos rios. Muita gente ficou desabrigada, muitas pessoas perderam tudo. Um prejuízo enorme. Um acúmulo de problemas.

A Universidade Federal de Pernambuco também foi duramente atingida pela enchente. A Faculdade de Odontologia, por exemplo, localizada no Derby, perdeu muita coisa. Assim como aconteceu com a Escola de Artes e outros centros de estudos. O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, órgão do MEC, teve um prejuízo total. Vindo de Maceió, o ministro da Educação e Cultura deputado federal Ney Braga, fez questão de visitar os centros atingidos. (8.ª e 9.ª págs.)

LIVRO 7

realiza simpósio sobre Cordel



A livraria Livro 7, pertencente a Tarcísio Pereira, realizou mais um empreendimento cultural. Depois de ter reunido vários escritores, entre os quais Osman Lins, que debateram o tema "O papel do escritor no Brasil atual", a livraria — que funciona como Centro Cultural — realizou desta vez o "II Simpósio de Literatura de Cordel". O professor Josemir Camilo, do Mesurado em História pela UFPE e atento observador das conferências, tirou suas conclusões. É o que se segue.

"Das conferências anunciadas somente três puderam ser efetuadas devido ao estado de calamidade em que ficou toda sociedade recifense com as enchentes do Capibaribe. Ricardo Noblat, jornalista e expert em Cordel, afirmou que a Literatura de Cordel não está em decadência. Sua impressão foi reforçada pelo professor Roberto Benjamin, do Curso de Jornalismo da UCP, e contrariada pelo professor Sebastião Vilanova, do Curso de Sociologia da mesma Universidade. Para Benjamin e Noblat, apesar da penetração dos meios de comunicação bastante difusos, estava surgindo um novo público: o universitário. Alegam ainda o fato de uma editora de São Paulo, a Prelúdio, estar publicando continuamente este tipo de literatura, se bem que em padrões gráficos muito diferentes das edições populares do Nordeste.

Nenhuma das duas alegações são suficientes para provar a continuidade da Literatura de Cordel: esse público praticamente não existe, é realmente diminuto. E o que se despreza na análise é o fato de que o folheto surgiu em função de uma realidade social popular, de determinadas circunstâncias. De uma circunstância econômica, até: a feira. O povo conhece apenas folheto de feira (e suas corruptelas na língua matuta: foleta e foiete) e nunca o título "arrumadinho" de Literatura de Cordel.

Partindo do pressuposto que condiciona a Arte à manifestação da vida, ou seja, o reflexo funcional de realidades práticas, o folheto é produto de uma sociedade agrário-artesanal, cujo fulcro de vitalidade gira em torno da feira semanal. Uma vez que esta sociedade seja pressionada por mudanças em sua infra-estrutura, aquele reflexo sofrerá também. A Arte refletirá os conflitos, as mudanças e até a morte de certos traços que lhe são característicos. Isto ocorre, pois, com o processo de desenvolvimento industrial capitalista que vai de encontro à sociedade agrário-artesanal, mudando suas infra-estruturas mas não conseguindo, de imediato, mudanças na super-estrutura.

O folheto torna-se nesta circunstância um elemento de resistência cultural, de uma ideologia conservadora, composta por uma ética um tanto ascética e por uma moral rigidamente religiosa.

O universo mental popular entra em conflito com os novos meios de produção e distribuição da riqueza, aceitando na prática mas rejeitando no código de valores secularmente estruturado.

Uma análise mais atenta em toda a produção de Cordel, principalmente a partir de Leandro Gomes de Barros, que floresceu nas duas primeiras décadas do século, já que exemplares antes deste período são raríssimos de se encontrar, mostrará que o folheto tem passado sucessivamente por diversas formas de conteúdo e de narração, dependendo do poeta, do lugar, da época. Não existe uma sequência lógica em tais etapas, mesmo porque os pólos de divulgação deste tipo de cultura se acham dispersos por todo o Nordeste, em regiões díspares, como é o caso da zona da mata e sertão do Pajeú de Flores, em Pernambuco. Isto permite ao desenvolvimento capitalista industrial penetrar nas regiões litorâneas, quebrando em parte a estrutura social, trazendo novos modelos, deixando para um processo posterior as sociedades do agreste e do sertão. Ocorre esfecelamento do ideário popular a partir dos centros metropolitanos, espalhando-se de imediato pelas cidades vizinhas. Resta, assim, uma dicotomia: centro e zona litorânea com o ideário esfecelado (conflito de valores) e sertão com uma aparente uniformidade. Aparente, sim, pois em breve o centro exportará estradas, veículos, luz, rádio, cinema e, por fim, televisão.

Quanto às etapas (ou ciclos, conforme alguns experts) a partir daquelas décadas, diríamos que os folhetos se apresentam como "romances", religiosos, de aventuras, jogosos e de atualidades. No primeiro caso temos a saga medieval dos Doze Pares de França, a Batalha de Oliveiros com Ferrabrás, Roldão, o Pavão Misterioso, Branca de Neve e o Soldado Guerreiro, etc...

Os religiosos se dispõem a exaltar os ânimos do catolicismo com escritos sobre Padre Cícero, São Francisco do Canindé, as Chagas de Cristo, como também a biografia dos santos e religiosos, importantes autoridades e a criticar os protestantes.

Ao mesmo tempo que os romances e os religiosos, surgem também os de aventuras, corruptela dos romances onde o herói não é mais o europeu. Será o brasileiro do sertão, embora com roupagens e caracteres, aqui e ali, manchados de europeísmo. É a saga dos cangaceiros, dos vingadores populares, portadores de um código de valores dúbios, permitindo tanto folheto contra como a favor. Não se sabe ao todo quantos títulos existem sobre Lampião. Talvez menos que Padre Cícero. Mas o mito do herói nele se encarnou.

A única etapa que permite uma certa

diferenciação quanto ao conteúdo é a jocosa — ou picaresca. Os folhetos mais antigos de humor são bem mais sociáveis, pois trazem um divertimento sadio: é o *Coco do Boi Tungão*, o *Coco do Pinto Pelado*, *As Perguntas do Rei e as Respostas de Carriões*, *As Aventuras de Pedro Malasartes*, *As Aventuras de João Grilo*, *O Sabido sem Estudo*, *O Caboclo do Bode* e assim por diante.

A maioria destes folhetos gira em torno de uma reação popular contra as instituições — no ideário popular o espaço e o tempo são elásticos. O rei, o sábio e o forte saem perdendo. A diferença está, pois, que de uns tempos para cá os folhetos de humor se encontraram mais livres da moral sexual rígida e passaram a tratar temas até então tidos como imorais. Acredita-se que tal passo tenha sido dado a partir dos poetas dos centros de densidade demográfica mais significativa, e para um público, é claro, já urbanizado, pois a temática em geral é urbana. Aqui reside a diferença do humor — estes últimos estão cheios de deboches.

E o deboche se justifica. É talvez o último grau de resistência cultural de que lançam mão, inconscientemente, os representantes do ideário popular.

Concluindo: percebe-se claramente através de contatos com folheteiros que folhetos são pouco editados, visto que hoje exigem um número elevado de páginas (32) em contraposição aos de atualidades (8), tendo diminuído também o número de leitores devido a fotonovelas e revistas em quadrinhos.

Os religiosos continuam sendo editados — principalmente em cidades do interior — e a meca é Juazeiro do Norte, Ceará. Ultimamente voltados para a figura de Frei Damião, os folheteiros que antes tratavam do Padre Cícero não trazem muitas variações de conteúdo e estão a perder público nas principais capitais do Nordeste — apesar do elevado número de títulos, ou seja, 300 para alguns ou cerca de 500 para outros.

Os de aventuras, calcados em cangaceiros ou tipos populares vingativos chegam a um nível de estereotipação, pois a criatividade sobre Lampião, Antônio Silvino, Corisco e outros já saem do histórico-narrativo para a ficção e o fantástico, como, por exemplo, *A Chegada de Lampião no Inferno*, etc... Além de tipos vingativos estarem diminuindo no cenário nordestino, devido à mudança de mentalidade, produto gradativo da mudança nas infraestruturas da região.

Os jogosos se limitam muito ao nível de mentalidade urbana, ao menos como os últimos títulos estão a sugerir: *Os Namoros das Moças de Hoje*, *Os Banhos de Praia*, *A Moda de Hoje em Dia*, etc... mas ainda são editados títulos onde o universo existencial é a feira: *A Discussão do Fiscal com a Faveira*, *O Matuto com um Balaio de Maxixe*, *O Homem que vendia Fumo*, etc. Aí é explorado o sentido dúbio das palavras.

Um tipo que não perdeu sua força de público é o folheto de atualidades ou de notícias. Fatos importantes, locais, regionais ou mesmo internacionais. As cheias, secas, fomes, peste, morte de gente importante, vira-

da de automóvel e assim por diante. Um desses fatos já foi de grande tiragem — as viradas de coletivos. Mas isso era o impacto da presença das auto-estradas e dos veículos velozes, produzido na mente do povo.

Folhetos políticos existem poucos. Isso se justifica porque as camadas populares da zona rural são afeitas, historicamente, à política partidária, mas não à política no seu sentido globalizante, ético-social. O caráter da política partidária é de efeito urbano e só vem a se definir com a República Nova (1930, em diante). Há os folhetos contratados pelos políticos. Dificilmente o poeta popular toma atitudes individuais. Reflete apenas o anseio comunitário.

Se estas informações provam o declínio gradativo do Cordel, a segunda alternativa — folheto paulista para emigrados nordestinos — não precisaria de destaque. Mas exige uma refutação.

Tanto no Nordeste como nos focos de emigração, não podemos deixar de levar em conta o público e a população. Estudos podem comprovar que o aumento de público não é proporcional ao aumento demográfico. Isto se reforça mesmo em São Paulo, devido a um fenômeno que os experts não estão levando em conta: as novas gerações, os descendentes dos emigrados, uma vez na grande cidade não se identificam com o Cordel. A incursão que se faz aqui não é meramente sociológica; é antropológica. Trata-se do choque de traços culturais que um grupo humano sofre ao entrar em um novo tipo de atividade econômica em região estranha e como recurso se agarra aos menores indícios de sua cultura que possa haver no novo "habitat". O tempo procede a aculturação e as gerações futuras não passarão pelo mesmo conflito, optando ou sendo levadas a optar pelos traços culturais da sociedade moderna.



Reitor	Professor Marcionilo de Barros Lins
Vice-Reitor	Professor Rômulo Maciel
Pró-Reitor Comunitário	Professor Armando Ribeiro Samico
Diretor do DEC	Professor Marcos Albuquerque
Redator-Chefe	Manoel Neto Teixeira
Repórteres	Raimundo Carrero Angela Delouche Angelo Monteiro José Carlos Targino
Repórter-Fotográfico	Maurício Coutinho
Diagramação	Josias Florencio da Silva

Eduado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural, Órgão da Pró-Reitoria Comunitária, como o veículo oficial da Universidade Federal de Pernambuco. Livros, cartas e colaboração em geral devem ser enviados para a redação do JU, Reitoria 2.º andar, Cidade Universitária.

Água e Destruição

Quando este jornal estiver circulando, é possível que a catastrófica enchente que atingiu o Grande Recife, no mês de julho, já esteja inteiramente esquecida. É possível, apenas. As camadas mais displicentes da população já não farão comentários pelas calçadas, nos bares, nos encontros sociais; as feridas estarão cicatrizadas. Quem sabe? No entanto, no dever de registrar os fatos mais importantes da coletividade, sobretudo aqueles que atingem a coletividade universitária, o JORNAL UNIVERSITÁRIO, órgão da Pró-Reitoria Para Assuntos Comunitários da Universidade Federal de Pernambuco, dedica uma boa parte de sua edição ao assunto; não para reabrir as feridas e fazê-las sangrar, como as águas desastrosas que correram pelas ruas do Recife, mas com a intenção exclusiva de documentar — como aliás é sua principal função — os prejuízos sofridos pela UFPE. E eles não foram poucos. Muitas das mais importantes unidades universitárias desta Universidade sofreram com a fúria das águas.

No entanto, vindo de Maceió, onde esteve presente aos Jogos Universitários, o ministro Ney Braga, da Educação e Cultura,

fez questão de visitar os centros mais atingidos, em companhia do reitor Marcionilo de Barros Lins e assessores, para uma avaliação dos prejuízos. Prontamente o MEC pediu relatórios circunstanciados dos danos causados pela enchente e informa-se que as primeiras verbas começam a chegar. Também o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais — órgãos do Ministério de Educação e Cultura — sofreu enormes prejuízos. Sua valiosíssima biblioteca foi quase que inteiramente destruída, provocando enorme tristeza nos intelectuais pernambucanos, já acostumados a procurá-la para consultas e leituras as mais variadas. Mas tão logo chegou a Brasília, o ministro Nei Braga não cruzou os braços e começou a tomar as medidas necessárias: técnicos em documentação, já agora, compareceram ao IJNPS e uma boa parte de sua rica biblioteca deve estar salva, o que representa a própria salvação, por assim dizer, da cultura documentada brasileira. Os órgãos da UFPE também estão sendo assistidos e já se pode esperar que logo as dores da enchente tenham sido esquecidas, na realidade, embora a ferida continue aberta.

Prof. José Lourenço exalta Letras ao tomar posse na APL

"Há, numa feliz coincidência, singular continuidade profissional nos ocupantes desta Cadeira para a qual me elegestes. Do seu Patrono ao Acadêmico que hoje se empossa, todos são professores e professores de Língua Portuguesa, além de escritores, Poetas e jornalistas, alguns deles. Também professor e dos mais conceituados no magistério pernambucano e nacional, o confrade ilustre que se dignou receber-me em nome desta Academia, meu dileto colega Ruy de Ayres Belo".

Estas afirmações foram feitas pelo professor José Lourenço de Lima, do Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, no seu discurso de posse na Cadeira n.º 18, da Academia Pernambucana de Letras, no mês de julho.

O professor José Lourenço iniciou o seu discurso fazendo a defesa das academias de letras. Disse que "no mais belo discurso que jamais se fez em defesa das Letras, pronunciado pelo mais fulgurante dos oradores da latnidade, cuja prosa inspirou e educou os grandes prosadores do Ocidente, Marco Túlio Cícero, fui buscar, Senhores Acadêmicos, o argumento irresponsável a quantos pretendam, às claras ou veladamente, subestimar o valor e o cultivo das Letras, razão de ser das Academias. Na defesa de Arquias, mestre de Retórica em Roma, a quem se tentava

negar o título de cidadão romano, Cícero assim fixou o valor inestimável das Letras, em comparação com qualquer outras atividades do espírito, dando-lhes prioridade. "Com efeito, as outras conquistas nem são de todos os tempos, nem de todas as idades, nem de todos os lugares; mas estes (os estudos literários) alimentam a adolescência; deleitam a velhice; adornam as ocupações secundárias; servem de refúgio e consolo nas adversidades; deleitam em casa; não criam obstáculos fora; pernoitam conosco; peregrinam conosco e nos proporcionam bucólico repouso". Numa época em que o tecnicismo absorvente e uma preocupação de quase idolatria se vêm constituindo o ponto de convergência e sedução da mocidade das escolas, as palavras de Cícero apontam as atividades literárias como criadoras de obras desafiadoras do tempo e companheiras permanentes e reconfortadoras do homem, lembrando-lhe, decerto, aquilo que dissera Keats: "Uma coisa bela é uma alegria eterna".

No trecho em que se referiu a Paulino da Andrade, o professor José Lourenço de Lima afirmou: "Pelo que li e pelo que ouvi de parentes, amigos, colegas e ex-alunos de Paulino de Andrade, não tenho dúvidas de que lhe cabe, às maravilhas, o verso de Terêncio: "sou homem e nada do que é humano julgo estranho a mim". Foi um homem na ple-

nitude da sentença terenciiana. A vida lhe ofereceu acríves e declives que ele enfrentou galhardamente. Tristes ou alegres fossem os dias, Paulino de Andrade os vivia verticalmente. Seu retrato de corpo inteiro, seu auto-retrato, está nas páginas primorosas do "Filho de Gato". Elas revelam que a vida lhe foi duríssima. Marcaram-na, de início, uma infância de privações e uma adolescência sem horizontes. Infância dele e minha tem pontos de contatos tão estreitos que parecemos marcados pelo mesmo destino. Salgadinho — Olinda — Camocim de São Félix — Recife são o palco de duas vidas de lutas renhidas, sem desfalecimentos. Pais, modestíssimos comerciantes, vendelros. Balção para ele e para mim. Venda de "poules" de bicho, para nós ambos. Palmatória, idem; com uma diferença: Paulino diz ter levado ou apanhado 1654 bolos. Levei-os também eu, alguns; apliquei-os muito mais em companheiros da escola de "Seu" Blandano, onde eu pontificava como "O segundo Rui Barbosa" de Camocim, apelido que conquistei, pela segurança da memória nas pugnans da tabuada, casa dos 9, nos segredos da soletração de nomes raros, e também pela estatura baixa, magra e encimada por uma cabeça enorme, tudo coroado por uma feiura que jamais me largou. Paulino pinta-se como "baixo, magro, barrigudo, feio e de olhos enormes".

Lista sêxtupla é enviada para indicação de Reitor

Cumprindo dispositivo legal, o Conselho Universitário da U.F.Pe. reuniu-se às 9:00 horas do dia 29 de julho próximo passado, para o fim especial de escolher a lista sêxtupla, com os nomes dos candidatos à sucessão do Reitor MARCIONILO DE BARROS LINS, na Universidade, uma vez que o quadriênio de seu Reitorado está prestes a encerrar-se.

Os trabalhos, foram presididos pelo magnífico Reitor e a lista sêxtupla foi formada após seis votações, em escrutínios secretos e sucessivos.

A mesa diretora, além do magnífico Reitor, Prof. MARCIONILO DE BARROS LINS, tiveram assento o Prof. RÔMULO MACIEL, Vice-Reitor e o secretário geral da Universidade, Prof. LUCILO VAREJÃO FILHO, que secretariou os trabalhos.

Aberta a reunião, o magnífico Reitor disse de suas finalidades, já de todos conhecidas, e passou-se à votação.

Como escrutinadores atuaram o Prof. e ex-Reitor MURILO HUMBERTO DE BARROS GUIMARÃES; o Prof. ANTÔNIO BARRETO COUTINHO, Vice-Diretor do Centro de Tecnologia da U.F.Pe. e o Dr. PAULO MAIA MARTINS, representante da Federação das Indústrias de Pernambuco.

Na primeira votação, foi escolhido

o nome do Prof. RÔMULO MACIEL, Vice-Reitor da Universidade; No segundo escrutínio, foi escolhido o nome do Prof. PAULO MACIEL, Pró-Reitor para Assuntos de Intercâmbio Científico e Assuntos Regionais; no terceiro escrutínio, foi escolhido o Prof. ARMANDO HERMES RIBEIRO SAMICO, Pró-Reitor para Assuntos Comunitários; no quarto escrutínio, a Profª MARIA ANTÔNIA MACDOWELL, Pró-Reitora para Assuntos Acadêmicos, foi o nome vitorioso; no quinto escrutínio, foi escolhido o médico e Prof. PAULO DE QUEIROZ BORBA, chefe do Departamento de Medicina Clínica da Faculdade de Medicina da U.F.Pe. e, finalmente, no sexto escrutínio o eleito foi o Prof. RILSON RODRIGUES, Diretor Pro-Tempore do Centro de Tecnologia, também desta Universidade.

Assim constituída, a lista foi enviada ao Exmo. Sr. Ministro da Educação, com os currículos dos escolhidos, e dentre os seis, o Presidente da República, General Ernesto Geisel escolherá o nome do sucessor do magnífico Reitor o Prof. MARCIONILO DE BARROS LINS.

O novo Reitor tomará posse e assumirá o cargo em setembro deste ano.

Hematologista quer acabar comercialização de sangue

Estimular a criação de centros de hematologia e hemoterapia, através dos órgãos governamentais, para evitar a comercialização do sangue e seus derivados, para fins lucrativos, extinguindo a figura do doador profissional, que tanta cealuma vem causando ultimamente na imprensa do Brasil.

Esta é uma das conclusões do V Congresso Brasileiro de Hematologia, realizado no Recife, recentemente, com a participação de especialistas de todos os Estados da Federação e de vários cientistas da América do Norte, América Latina e da Europa. O certame foi presidido pelo professor Romildo Lins, da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco.

CONCLUSÕES

Após amplos estudos, debates e mesas-redondas sobre os diversos temas sugeridos no programa oficial do Congresso, os especialistas formularam importantes recomendações aos órgãos de saúde pública e a autoridades governamentais, para as soluções aos problemas enfocados.

Com relação à pós-graduação, por exemplo, o Colégio Brasileiro de Hematologia propõe-se a fiscalizar e a colaborar com o Governo, quanto ao credenciamento de Residência-Médica, nessa especialidade, para o Mestrado e Doutorado, de acordo com os requisitos aprovados pela Associação Brasileira de Médicos Residentes.

Sugeriu a adoção de medidas objetivas capazes de estimular o ensino da Hematologia nas Faculdades de Medicina do País, a níveis de graduação e pós-graduação, de acordo com as diretrizes da Reforma Universitária. Dispõe-se a mostrar, em colaboração com o Governo, a necessidade do saneamento básico para evitar infestação verminótica na população, que apresenta, ainda, graves sinais de anemia por deficiência de ferro, entre outras deficiências.

Os especialistas em Hematologia estão dispostos a orientar o Governo e a população para o perigo das detetizações e do uso abusivo de determinadas drogas provocadoras de um tipo de anemia chamada aplástica, doença grave e de prognóstico, na maioria das vezes, fatal.

Congresso

O Congresso teve 247 inscrições, contando com 67 do Recife, o que foi um sucesso absoluto, levando-se em conta a última catástrofe que houve na capital de Pernambuco.

Constou o programa de temas livres, conferências, seminário, mesa-redonda e painéis.

Os temas livres versaram sobre Anemias, Leucemias, Linfomas e Coagulopatias.

Houve ainda 33 conferências, sendo que 8 foram de conferencistas brasileiros, e 25 de professores estrangeiros: da França — Jan Bernard, Pierre Cazal e Raymond Cabannes; da América do Norte — Joseph M. Hill, Alfred Evans, Richard Silver, Barth Hoogstraeten, Emil Freireich, William Russell; e Luiz

Sanchez Meda, do México. Todos vieram a convite e totalmente financiados pela Divisão Nacional do Câncer, do Ministério da Saúde, dentro do Programa Nacional de Combate ao Câncer, graças aos esforços do seu diretor Dr. Humberto Torloni, e também à compreensão do exmo. sr. ministro da Saúde, Paulo de Almeida Machado.

As conferências dos estrangeiros versaram sobre Leucemias e Linfomas e Câncer Naso-faríngeo e Tumor de Burkitt.

Houve ainda um seminário sobre "Organização de Centros de Hematologia-Hemoterapia", coordenado pela dra. Maria Brasília, presidente da Comissão de Hemoterapia do Ministério da Saúde; participou também deste Seminário o Prof. Pierre Cazal, chefe do Centro de Transfusão Sanguínea de Montpellier, da França, o Dr. Luiz Gonzaga dos Santos, de Pernambuco, e a dra. Linete Medeiros Rocha, do Rio Grande do Norte.

O Congresso ofereceu subsídios para o Governo brasileiro, no que toca ao difícil e grave problema da transfusão de sangue, que tanta cealuma vem causando ultimamente na imprensa do país.

A mesa-redonda sobre "Ensino da Hematologia em nível de Graduação e Pós-Graduação", coordenada pelo Prof. Romildo Lins, presidente do Congresso, mostrou ao público a experiência de Residência Médica em hematologia, como pré-requisito para o Mestrado e Doutorado na especialidade.

Prêmios

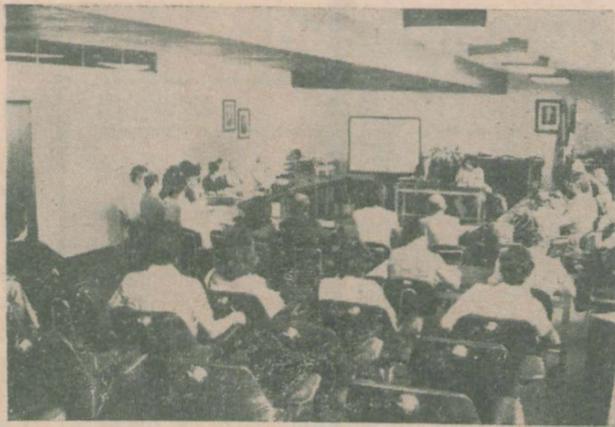
O V Congresso, cumprindo a risca toda sua programação, distribuiu quatro prêmios, aos melhores trabalhos, assim julgados: "Prêmio Estácio Gonzaga" coube ao Dr. João Targino de Araujo e colaboradores de São Paulo; "Prêmio Alvary de Castro", ficou com o Dr. Gomes do Monte e colaboradores do Rio de Janeiro; "Prêmio Walter Osvaldo Cruz", coube ao Dr. Saraiva de Melo de Pernambuco e o "Prêmio Estado de Pernambuco" coube ao Dr. Domingos da Costa Jr., do Pará.

O V Congresso Brasileiro do Colégio Brasileiro de Hematologia fez ainda realizar conferência por pesquisadores brasileiros, entre os quais se destacou o Prof. Michel Jamra, de São Paulo; Dr. Monteiro Marinho, do Rio de Janeiro; Prof. Jesus Machado e Prof. Nelson Mendes, de São Paulo; Prof. Orlando Freitas, do Paraná; Prof. Domingos de Paula, do Rio de Janeiro; e o Reitor Marcionilo Lins, da Universidade Federal de Pernambuco.

O Colégio Brasileiro de Hematologia, por proposta do presidente, Prof. Romildo Lins, concedeu os títulos de "Membro Honorário" aos professores Jean Bernard, da França, e Marcionilo Lins, de Pernambuco, pelos relevantes serviços prestados por eles à hematologia brasileira.

Finalmente, no dia 25 de julho, último dia do Congresso, foi escolhida a cidade de Porto Alegre, para sede do VI Congresso, que será em Setembro de 1977.

DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO VISTA POR HELENA LEWIN



O encontro foi realizado em Maceió, Alagoas, dentro das comemorações do centenário de nascimento de Aureliano Tavares Bastos, uma das mais significativas figuras de estudiosos dos problemas políticos, sociais e econômicos do Brasil. Participaram especialistas da Bahia, Alagoas, Pernambuco, Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Brasília.

Baseada em pesquisa que realizou junto aos candidatos a vestibular no Grande-Rio, a professora Helena Lewin argumentou que "apesar do contingente sempre crescente de vestibulandos, os primeiros lugares são sempre preenchidos pelos mais jovens que fazem vestibular pela primeira vez e oriundos de famílias de rendas médias e altas".

Ciências Sociais

Outra comunicação que mereceu amplos debates, foi a apresen-

"A democratização do ensino universitário é ainda um mito que necessita ser demolido" — afirmou a socióloga Helena Lewin, do Rio de Janeiro, durante uma das reuniões do III Encontro Interregional de Cientistas Sociais do Brasil, que congregou os maiores nomes das Ciências Sociais do País.



Cientistas debateram os problemas sociais do País

tada pelo sociólogo Carlos Alberto Medina, diretor do Centro Latino-americano de Pesquisas em Ciências Sociais. Ele afirmou que "se há uma área profissional quase nula, senão rejeitada, é a das Ciências Sociais".

Acrescentou, ainda: "Declaro-me um pesqui-

sador em crise, pois percebo que a contribuição que as Ciências Sociais, no processo de desenvolvimento, é apresentada como criadora de dificuldades, como perturbadora da análise dos fenômenos, como um verdadeiro elemento de retardamento do próprio processo, e

isto quando aceita e comentada".

Recife

O geógrafo Mário Lacerda revelou que "o nível de renda média do Recife Metropolitano situa-se cerca de 20% abaixo do nível médio brasileiro. Além disso, a distância entre eles,

em vez de se encurtar, cada vez mais se alonga. Também se agrava, com o andar do tempo, a desigualdade da repartição de renda, segundo dados da Sudene e Universidade Federal de Pernambuco". O professor da UFPE está colhendo dados para uma pesquisa sobre essa área.

Um tema palpitante levantado foi também uma pesquisa básica sobre "Reações Afetivas na Interação Social", com o uso de instrumentos eletrônicos, em laboratório, para medir as reações das pessoas diante de situações de justiça e injustiça, revelada pelo sociólogo Cláudio Souto, que coordena o trabalho, ao lado de sua esposa, Solange Souto. Para a realização das experiências, será utilizado um polígrafo, instrumento capaz de registrar graficamente reações psicorgânicas.

Segundo os promotores do Encontro, foram plenamente atingidos os objetivos de romper a falta de comunicação entre os especialistas de Ciências Sociais no Brasil, possibilitando uma troca de informações e idéias acerca de problemas que sejam da preocupação de todos na atualidade, inclusive a contribuição que os cientistas podem oferecer no momento ao processo de desenvolvimento nacional.

Cerâmica

ANGELA DELOUCHE

Pela presença de peças de cerâmica em uma região pode-se deduzir da cultura que aí floresceu. Com a descoberta da cerâmica o homem deu um grande passo no seu desenvolvimento. Parte dos conhecimentos que temos hoje da alta antiguidade, notadamente da bacia do Egeu, chegam-nos através das peças encontradas pela arqueologia nessas regiões. Os grandes vasos decorados encontrados no palácio de Cnossos, na ilha de Creta, os estilizados de Micenas, são testemunhos inequívocos das civilizações desses povos. A cerâmica atinge o ápice de perfeição e beleza com os gregos.

O Homem Americano

O homem americano também conheceu a cerâmica. As grandes civilizações que se desenvolveram nas Américas: Incas, Astecas e Malas, também atingiram alto grau de perfeição e, como os povos do Egeu, não a usaram apenas em vasos, mas na feitura de ídolos e deusas — as deusas da fertilidade.

Aqui no Brasil os achados de Lagoa Santa, em Minas e aqui bem pertinho, no município de Bom Jardim, as investigações aí efetuadas pelo Prof. A.F.G. Laroche, revelam-nos a existência de cerâmica pré-histórica em vasos utilitários e sepulcrais. Alguns decorados com linhas onduladas. Outros correspondem a um tipo de cerâmica muito fino, de bom acabamento e de esmerada testura, com certa uniformidade tanto pelas superfícies como pelo tempero. O tipo decorado com cordas, ou cordões grossos, também aparece em Bom Jardim. Esses modos de decorar o vaso de barro com incisões de traçados foi largamente empregado por povos primitivos da península Ibérica, o povo que ficou conhecido como os arqueiros dos "vasos campaniformes".

A Cerâmica Folclórica

Há uma certa impropriedade na expressão acima. Servimo-nos dela para indicar

ou estudar as formas funcionais ou decorativas de peças de barro feitas pelo povo, porque ao lado dos potes, das quartinhas, das tigelas, das jarras de grande utilidade, temos que considerar os brinquedos, as esculturas figurativas feitas em barro.

A decoração da peça de barro pela cor e pelo desenho pode ter ou não, uma função mágica. A cerâmica figurativa é a que representa gente, animal ou planta como a que se desenvolveu em Caruaru, de grande força, que encanta e comove.

Sabe-se que Vitalino por exemplo, foi descoberto pelo pintor Augusto Rodrigues, que chamou a atenção para a beleza e importância da cerâmica popular figurativa, considerada como uma alta expressão da vivência do homem do povo.

Arte, Artesanato

Aqui resvalamos na sutileza existente entre artesanato e arte. Entre artesão ou artífice e artista. Segundo alguns autores o que distingue um do outro é a natureza da sua atividade, sendo a atividade do artesão mecânica, feita em série. O artista é o que cria, o artesão o que copia. Algumas cópias são recriações. No âmbito literário, por exemplo, algumas traduções são verdadeiras recriações. O bom tradu-

tor passa de uma língua a outra afastando-se da forma literal e, guardadas as linhas essenciais, expressa o que o autor teria feito se tivesse escrito nessa língua. Mas voltamos ao tópico de arte e artesanato, mesmo Leonardo da Vinci foi copiado, na sua época, A famosa Mona Lisa aparece, hoje, simultaneamente no Louvre, em Paris e no Museu do Prado, em Madri. Qual a autêntica? Os entendidos afirmam: ambas. Certo, mas autêntica não significa original. A criação de Leonardo é a que se encontra no Louvre, a de Madri foi reproduzida em sua época por alunos seus e por ele retocada.

O oleiro é muitas vezes artesão e artista, como foi o caso de Vitalino ou como hoje em dia os bonecos e bichos de Manoel Eudécio da Silva.

A grande maioria, entretanto, dedica-se às formas funcionais da cerâmica utilitária. As jarras em série, os potes e as quartinhas. Poucos unem ao utilitário o estético.

A Vocação Artística

A tendência artística nasceu com o homem e brota onde menos se espera e nas circunstâncias mais adversas. Aqui passo a palavra a Oswald de Andrade Filho: "O homem, desde as mais longínquas épocas, sente a

necessidade incontida de enfiar os seus utensílios. Dizer-se que arte é luxo é negar o lado espiritual da humanidade. O homem da pedra faz primeiramente o seu machado de sílex sem enfeite nenhum. Depois, sem explicação aparente, ele põe-se a desenhar sobre seu instrumento, e esse desenho acaba por tornar-se indispensável. Assim começa a vida artística do nosso mundo".

A Missão Educativa

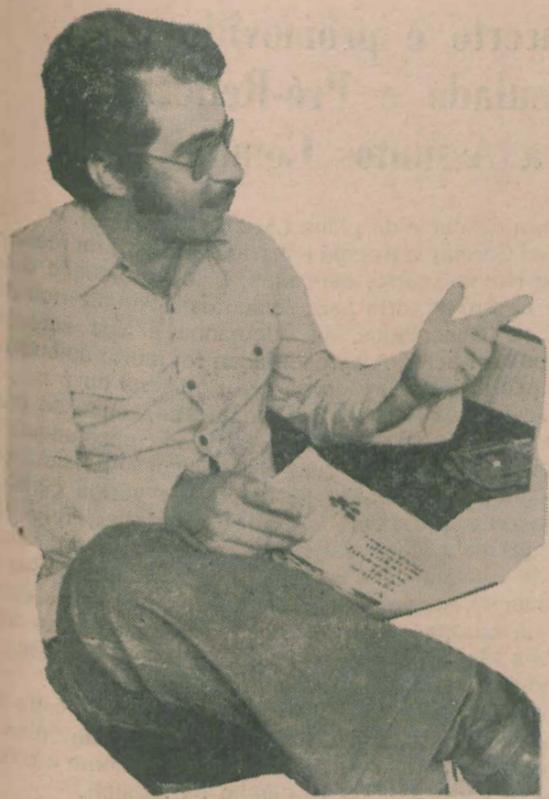
Uma das nossas missões ao educar é a de possibilitar o aparecimento das tendências artísticas em nossos alunos. O emprego de massas plásticas para os exercícios e os controles motores entre os mais novos. O barro para os mais velhos, sem pressionar, apenas sugerir, guiar de maneira tão sutil, tão discreta que não se deixe entrever.

O barro é matéria nobre. O autor sagrado não se furtou a sua atração e nos relata que Deus que criou todas as coisas pela palavra: "... e Deus disse e assim se fez", tomou de um bloco de barro e com esse material fez o primeiro homem. O único ser que não foi criado pela palavra Deus lhe soprou o dom da palavra, como salientou Walter Benjamin.

ESTUDANTE PARTICIPA DE CONGRESSO EM CARACAS

Congresso Interamericano de Engenharia Química debate, em Caracas, temas de intensa atualidade, reunindo representantes da Argentina, Brasil, Canadá, Colômbia, Equador, Guatemala, México, Peru, Porto Rico, Uruguai, Estados Unidos e Venezuela.

O Brasil se fez representar com 18 trabalhos e dois relatores, os professores S. Gonçalves d'Ávila, e J.O.B. Carioca, ambos da Universidade de S. Paulo. De Pernambuco participou o universitário Henio Normando de Souza Melo, concluinte de Engenharia Química como delegado da Escola de Química da nossa Universidade, através do Diretório Acadêmico da mesma Escola. Diretor do Departamento de Estágios do D.C.E., Henio manteve em Caracas contato com o corpo docente e discente da Universidade Central e da Universidade Simon Bolivar, com o fim de incentivar o intercâmbio científico entre estas universidades e a Universidade Federal de Pernambuco, através da Escola de Química, do Diretório Acadêmico de Química e do D.C.E. da UFPE.



Henio Normando participou do Congresso em Caracas

VI Congresso

Em 1973 realizou-se no Rio de Janeiro o V Congresso de Engenharia Química. Nessa ocasião Venezuela foi escolhida para a sede do VI Congresso. A realização efetuou-se entre 13 e 19 de julho, em Caracas. Este Congresso se constituiu em preâmbulo ao 1.º Congresso Mundial de Engenharia química a celebrar-se em Amsterdã no próximo ano.

O estudo e a análise dos problemas que afetam o hemisfério tiveram como finalidade a cooperação para o desenvolvimento dos povos. Sete pontos integraram o temário deste Congresso: A Engenharia Química, Transferência de Tecnologia, A Cooperação Hemisférica, Análise Setorial, A Engenharia Química e os Problemas Hemisféricos, A Cooperação Interprofissional e a Investigação e Progressos na Engenharia Química.

Caracas

A capital da Venezuela constitui-se de uma espetacular mistura de modernismo e de sabor colonial. Suas amplas avenidas, autopistas, distribuidores de trânsito, bairros residenciais e maravilhosos centros comerciais que ficam na parte nova da cidade em contínuo crescimento. Há modernos hotéis e luxuosos restaurantes, onde se podem soborear

pratos exóticos não só nacionais como de qualquer parte do mundo.

Venezuela é uma república federal integrada por vinte Estados, um Distrito Federal, dois territórios e setenta e duas ilhas — Dependências Federais — no mar das Caraíbas.

Situada na costa setentrional da América do Sul, com uma superfície de 916.350 quilômetros quadrados. O seu clima dividido em quatro zonas: quente, temperado, fresco e frio. Tem uma população de 12 milhões de habitantes.

Transferência de Tecnologia

O atraso tecnológico dos países em vias de desenvolvimento foi catalogado como uma das áreas críticas, que se não merecer a devida atenção deixará estes povos em estado de dependência. O estudo desta situação, do ponto de vista da engenharia química, foi objeto deste tema. Aspira-se esclarecer o conceito da transferência de tecnologia com a oferta nacional e do exterior e propor uma matéria de estudo e análises, durante o Congresso; a incidência no desenvolvimento tecnológico das formas de financiamento e os acordos internacionais sobre patentes e execução de projetos por entidades extranacionais.

A Cooperação Hemisférica

Neste tema foram analisadas as

consequências culturais e científicas dos acordos comerciais sub-regionais. Em particular foi estudada a incidência de ditos acordos sobre o desenvolvimento da capacidade de engenharia local e a harmonização dos critérios de adaptação hemisférica com a evolução dos recursos institucionais, tudo isto como meios para as transferências de informação, para a realização dos planos de investigação e para a formação dos recursos humanos. Além disto serão passadas em revista as decisões adaptadas em matéria de integração que tenham incidência na execução de projetos e na instalação de plantas químicas e de processos.

Análises Setoriais

Neste tema cuidou-se de expor e analisar os planos de desenvolvimento e a disponibilidade de recursos em distintos setores industriais nos quais seja papel revelante a engenharia química. Aspira-se, deste modo, intercambiar opiniões e a conhecer o papel que desempenha a engenharia química no desenvolvimento dos planos de industrialização a nível Interamericano.

A Engenharia Química e os Problemas Hemisféricos

Como principais problemas que afetam o hemisfério foram seleciona-

dos: a escassez de recursos energéticos, a comercialização de matérias primas e a preservação do ambiente. Neste tema se analisarão os critérios que contribuam para harmonizar posições e abordagem de soluções.

A Cooperação Interprofissional

Como ponto relevante do temário considerou-se conveniente oferecer a oportunidade, com a incorporação deste tema, isto é, efetuar uma análise da Confederação Interamericana de Engenharia Química, esclarecendo o papel que lhe corresponde na cooperação hemisférica e revisar sua estrutura a fim de que venha a cumprir seus objetivos específicos.

Investigação e Progressos da Engenharia Química

As abordagens científicas e tecnológicas e os progressos da profissão foram analisados. Assim houve oportunidade de conhecer planos de investigação, objetivos atingidos, novos processos, adaptação de processos e progressos tecnológicos.

Qualitativamente o VI Congresso reuniu as mais representativas e seletas comissões da indústria petroquímica e química do continente. Foi, igualmente expressivo o número de trabalhos recebidos.



Joel Pontes explica a dinâmica do EPB

Pautando o Estudo de Problemas Brasileiros às diretrizes do programa oficial do Conselho Federal de Educação, procuramos imprimir uma nova adequação a essas aulas, adaptando-as, tanto quanto possível, à realidade nacional, em constantes mutações, — declarou o Prof. Joel Pontes, coordenador do Programa no âmbito da UFPE.

Juntamente com meus assistentes, Prof. Aldem Lobão Barreto, Dr. Adilson Freire e Dr. Valter Teles Moreira, é nossa missão escolher e contratar os professores, pois sendo uma disciplina demasiado complexa, não deve ser dada por um só professor. Aproveitando-me desta possibilidade, tenho contratado não só professores de nossa Universidade como técnicos ligados à administração pública e empresas particulares, com o cuidado especial de nunca repetir os mesmos nomes em dois anos consecutivos, para que sempre novos enfoques sejam dados à realidade brasileira.

Nível Didático

O caráter didático das aulas é imprescindível. Tanto que fica a nosso cuidado ler e revisar cada uma, atendendo também à circunstância dos veículos da transmissão, — TV e Rádio Universitárias. Os textos, organizados em fascículos, contêm quatro aulas cada um impressos na Editora e vendidos a preço de custo na Livraria Universitária.

A TRANSMISSÃO

Os textos das aulas são entregues à Rádio e à TV onde os professores passam a ser representados pelos locutores e as aulas se enriquecem com as possibilidades audio-visuais inerentes a este veículo de comunicação de massa.

Doze especialistas já organizaram as 31 aulas deste semestre: o Reitor Marcionilo de Barros Lins, a quem cabe a aula inicial, Hilton Sette, Heraldo Souto Maior, Waldemar de Oliveira, Isnaldo Fonseca, Jarbas Maciel, Flávio Guerra, Geraldo Lopes Ferreira, Rachel Caldas Lins, Lourivaldo Cavalcanti, José Josi da Silva, Mário Gusmão.

Terminado o curso, que se compõe de dois semestres, em 62 aulas, fornecemos quatro créditos.

Cabe à coordenação ainda editar, em volume, o total das aulas.

FACILIDADE

O ensino de Estudo de Problemas Brasileiros, em qualquer altura da graduação, pode ser feito pelos estudantes. Geralmente eles o fazem no curso básico.

Exigências diferentes são feitas nos cursos de extensão, de mestrado ou de doutorado. Aí, cabe aos coordenadores de tais cursos a escolha dos temas a serem desenvolvidos sob forma de ensaios de acordo com os níveis dos cursos.

Para que se tenha uma idéia do ecletismo e da excelência dos cursos de EPB relacionamos alguns temas das aulas do presente semestre: Características Gerais da Geopolítica e Geoeconomia Nacional; O Homem Brasileiro: formação étnica e cultural; Situação demográfica. Estratificação e Mobilidade Social; Fundamentos da Ética Individual e Social; Respeito às Leis, aos Pais e às Autoridades; Estruturas Econômicas Brasileiras; Tiradentes, em face da história do sentimento nacionalista brasileiro; A Previdência Social, no mundo, no Brasil; Plano de Prestações — INPS — Recursos de suas decisões; Os regimes de chuvas e secas do Nordeste; As fontes de energia elétrica do Nordeste; Os Recursos marinhos e os efeitos da poluição; os recursos marinhos do Brasil; A Economia e as políticas de desenvolvimento do Nordeste; Incentivos ao setor Privado; Política de incentivo individual; Rodovias do Brasil; Problemas específicos; Rodovia e desenvolvimento nacional.

Concerto é promovido por consulado e Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários

Um concerto de piano (Ana Lúcia Altino), violino (Rafael Garcia) e trompa (Charles Cornish) foi realizado no Nosso Teatro, este mês, numa promoção conjunta da Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPE e Consulados da Alemanha e dos Estados Unidos no Recife. A apresentação foi muito aplaudida pelo público, em virtude do nível musical do trio.

Ana Lúcia Altino é pernambucana, tendo se graduado pela Escola de Artes da UFPE, aprofundando seus estudos durante quatro anos, como bolsista do Governo da Alemanha. Participou de vários cursos, tendo estudado com os professores Karl, Rudolph Baumgartner, Tibor Varga. Apresentou-se no Festival de Música de Giessen, com a violinista Sigrid Forsmann. Atuou como recitalista em diversas cidades da Europa, além de solista das Orquestras Sinfônicas Municipais de São Paulo, do Recife, de Gävle (Suécia) e Armorial de Câmara de Pernambuco.

O violinista Rafael Garcia é chileno, radicado no Brasil, tendo participado das Orquestras Sinfônica e Armorial de Pernambuco, destacando-se como um dos maiores especialistas no campo da música.

Charles Cornish é alemão, destacando-se pelos conhecimentos musicais e domínio do instrumento — trompa.

Estação Ecológica já tem seus Estatutos

O Conselho Universitário da Universidade Federal Rural de Pernambuco aprovou o regimento da Estação Ecológica de Tapacurá que prevê, entre outros pontos, a criação de um "Banco de Sementes", que visa a suprimir a grave deficiência de que se ressentem as atividades da silvicultura no País.

A Estação Ecológica de Tapacurá será constituída de: Chefia, Conselho Consultivo, Pessoal Técnico, Pessoal Burocrático e Pessoal de Campo. O Conselho Consultivo é formado pelos escritores Gilberto Freyre, Mauro Mota, Costa Porto, Nelson Chaves, Aluisio Bezerra Coutinho, Orlando Parahym, Valdeimar de Oliveira, Antiógenes Chaves, entre outros.

Segundo o Regimento, "o Conselho Consultivo reunir-se-á por convocação do Reitor, pelo menos duas vezes anualmente, para tomar conhecimento dos trabalhos realizados e propor medidas que lhe pareçam úteis para o desenvolvimento da EET e mais eficiente atuação". Este conselho possui, ainda, duas categorias de colaboradores constituídas por: a) membro protetor e b) membro associado.

Áreas

As finalidades a que se propõe a EET serão alcançadas através das seguintes áreas de atuação, em que se desenvolvem as suas atividades: Área de Botânica, área de Zoologia, área de Edafologia e Hidrologia, área de Climatologia, área de Estudos Periféricos, área de Conservacionismo, área de Bioclimatologia e Banco de Sementes.

Para o atendimento do Banco de Sementes serão "escolhidas árvores matrizes, de todas as espécies existentes nas reservas florestais da EET, devidamente fichadas e com a fenologia determinada como fornecedoras de sementes. Enquanto isso, as "sementes colhidas serão devidamente expurgadas e submetidas a ensaios germinativos e conservadas para distribuição por venda ou cessão aos interessados".

Associação cria prêmio para evocar psiquiatra do Brasil

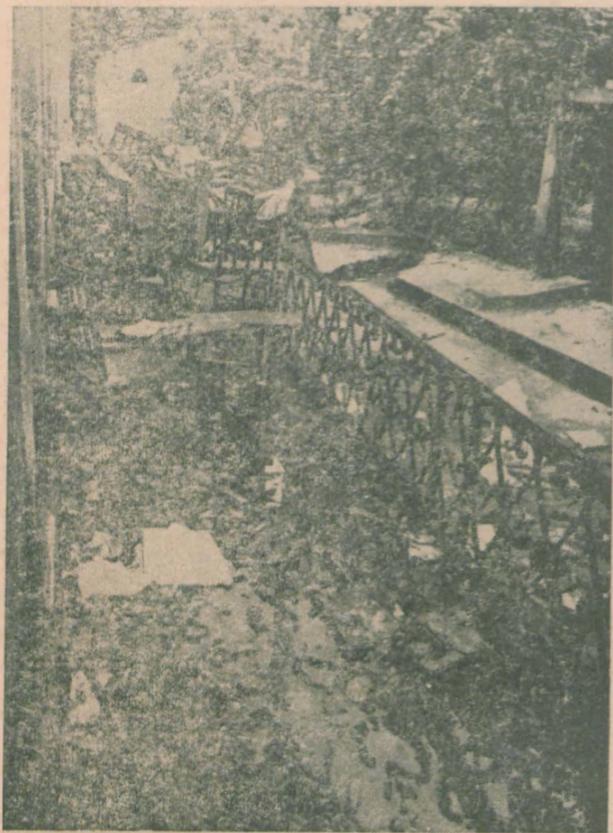
A Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro — filiada à World Psychiatric Association — criou o Prêmio Franco Rocha, destinado a evocar a figura do notável psiquiatra brasileiro nascido em São Paulo.

Segundo as normas do prêmio, o tema obrigatório é: *Franco da Rocha, o Homem, a Vida e a Obra*. Todos os trabalhos concorrentes terão que ser absolutamente inéditos, redigidos em português, datilografados sob as condições técnicas previstas para este fim e subscritos sob pseudônimo. Não devem trazer qualquer elemento que facilite a identificação do autor. Devem ser acompanhados por sobrecarta não transparente, contendo internamente informações para a identificação do autor, externamente, apenas o título do trabalho.

Os concorrentes deverão enviar seus trabalhos até o dia 1.º de novembro deste ano, exclusivamente sob Registro Postal, à Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro — Caixa Postal 1662 — ZC-00 — Rio de Janeiro, RJ — CEP 20000.

CHEIA CASTIGA GRANDE E PROVOCA PREJUÍZOS

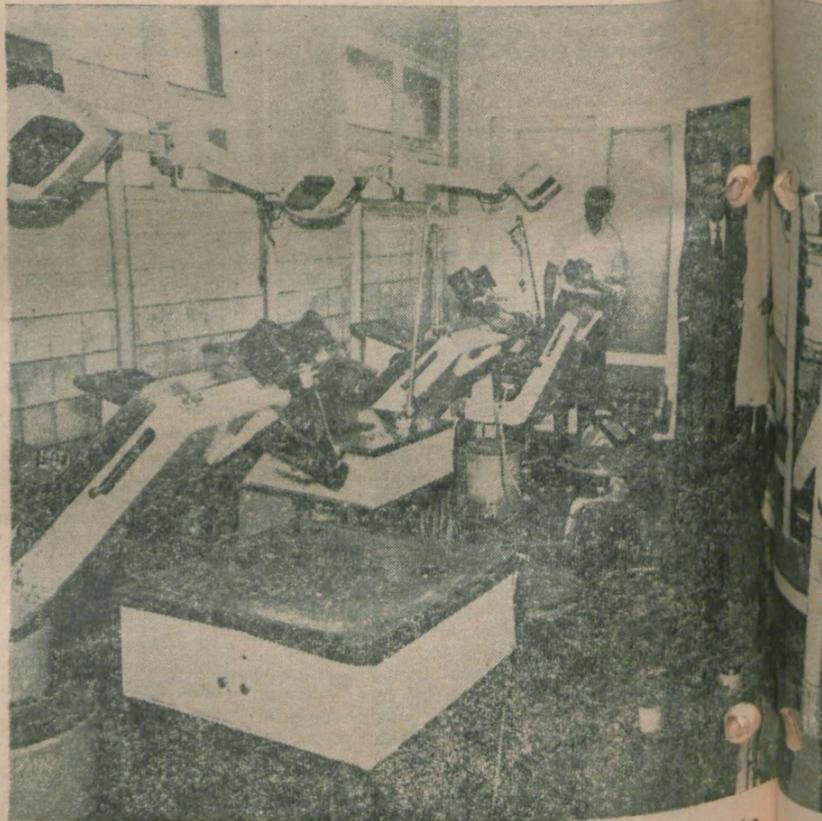
Povo algum se acostuma com catástrofes. Mas, se periódicas, ele pode tão-
nipular os dispositivos que permitam salvaguardá-lo de consequências mais
invasão da terra por extraterrestres — e Nova York entrou em pânico quando
ciou por uma emissora de rádio a "invasão" de Marte — pouco poderia ser
toso objeto celeste — e tudo indica que, em 1908, na Sibéria, um desses objetos
— os efeitos desastrosos não seriam de longo alcance. Mas, no entanto, caso se
as medidas de proteção podem significar muito pouco. Certo, as pessoas, imitando
seus pertences das áreas em perigo salvam apenas alguns objetos. Ou todos
ou casas de altos andares — o que ocorre com uma ínfima parcela da população
águas que correm debaixo dos seus pés.



Muito estrago na Escola de Artes, na rua do Benfica



Ministro Ney Braga observa a destruição dos livros do IJNPS



Faculdade de Odontologia: um enorme prejuízo

Ninguém tinha bons motivos para acreditar que aquilo acontecesse. Afinal de contas, a barragem do Tapacurá, afluente do Capibaribe, fora construída justamente para impedir que o Recife fosse novamente inundado pelas caudalosas e imbatíveis correntes de água e lama que se abateram sobre a cidade, dias 17 e 18 de julho, causando vastíssimos prejuízos à comunidade recifense. A primeira enchente de grandes proporções ocorreu exatamente em 1842 — são, portanto, 133 anos de infortúnios com esse constringedor e dramático espectro: o das cheias. Agora, todos foram prejudicados, mesmo porque as águas que invadiram as ruas da capital tinham um volume muito maior que as dos anos anteriores. E, atabalhoados, os habitantes da cidade, sobretudo os mais pobres, não sabiam precisamente quais as atitudes mais razoáveis a serem tomadas, diante da devastação em suas casas, propriedades, escolas e templos religiosos. Mas, dois dias depois, recuperados do descontro'e emocional provocado pela notícia de que a barragem cedera em suas comportas, as pessoas deram início aos trabalhos de limpeza geral em todos os recantos inundados. Certamente, uma exaustiva e penosa tarefa. E o Recife, uma cidade desiludida em sua crença de que a barragem não permitiria o avanço das enfurecidas águas, acredita que novas e pertinentes providências serão tomadas. Uma delas, cogitada de imediato, seria a construção de uma barragem em Carpina, a poucos quilômetros da capital dos pernambucanos. Segundo os entendidos no assunto, somente assim seriam evitados os prejuízos causados ao Estado.

Importância de 1 bilhão de cruzeiros já foi liberada, pelo Governo Federal, a fim de atenuar a tragédia pernambucana. Também o Fundo de Garantia já foi posto à disposição dos trabalhadores com o presidente e do BNH Maurício Schulmann, afirmando que 290.537 trabalhadores deverão movimentar 462 milhões de cruzeiros do FGTS. E, dentro em breve, esperamos que tudo possa voltar ao normal.

Recife. O escritor Gilberto Freyre, no seu "Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife", com primeira edição datada de 1934, revista, atualizada e aumentada nos anos seguintes, nos proporciona uma luminosa biografia da

cidade. Como Freyre é um dos pernambucanos mais recomendados para falar do Recife, resolvemos transcrever, na íntegra, o tópico "O Recife: sua Luz, seu Ar, suas Águas", do citado livro, por nos parecer bem a propósito.

"Há quem ame o Recife com particular amor não só pela sua luz — a luz vinda do sol e que se torna às vezes um tanto tirânica pelo próprio excesso da sua pureza tropical, à qual se junta agora a luz elétrica, vinda de Paulo Afonso — como pelo seu clima. Pelo seu ar, sua temperatura, a doçura das suas manhãs e dos seus fins de tarde; doçura de que está tocada a poesia de mais de um recifense de hoje. Principalmente a de Mauro Mota que é, com o há pouco falecido Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena, Carlos Moreira, Ascenso Ferreira, Audálio Alves e mais Edmir Domingues, Paulo Fernando Craveiro, Gonçalves de Oliveira, Marcos Santander, Tarcísio Meira César, poeta dos que mais trazem a marca do Recife em seus versos. João Cabral de Melo Neto, este vem se tornando o poeta por excelência do Capibaribe. Cônsul, não esquece no estrangeiro o Capibaribe. Nem o Capibaribe nem o Recife.

No fim do século XIX, esteve no Brasil um norte-americano que procurou conhecer o país de norte a sul antes de retratá-lo no livro *Brazil, its Condition and Prospects*, publicado em Nova York. Chamava-se Andrews e não era poeta: foi, além de cônsul geral dos Estados Unidos no Brasil, ministro do seu país na Suécia e na Noruega. Tendo conhecido os dois extremos de gelo e de sol, de frio e de calor, optou pelo sol e pelo calor. Seu livro é de um tropicalista que se apaixonou pelo Brasil: país de sol. Sem invernos áspers. Sem neves incômodas. E sua grande paixão no Brasil parece ter sido pelo Recife.

Chega a se mostrar inclinado a avaliar um clima pela liberdade que dá às pessoas de permanecerem ao ar livre o ano inteiro, ligando assim o trópico ao próprio ideal, outrora grego — o grego da ágora — e hoje, em grande parte, ibero-americano, de liberdade pessoal. E a este propósito escreve palavras memoráveis para os ouvidos de um recifense e que

são estas, no original inglês: 'From all that I can learn, the climate of the city of Pernambuco is the most delightful any in Brazil. Though little more damp, it has not the extremes of heat and cold of Rio de Janeiro. All the year round it is favored with the fresh sea-breeze'. A famosa brisa costeira pelo poeta recifense Manuel Bandeira num dos seus versos de saudade de Pernambuco e do Recife.

Poderia ter salientado Mister Andrews o velho hábito recifense de ao ar livre se discutir política, se conversar sobre literatura, opereta ou corrida de cavalo, se realizarem transações comerciais, as mais graúdas. Velho hábito observado em outros viajantes, um deles certo inglês chamado Martin, notou continuar a haver na capital de Pernambuco, nos primeiros anos do século XX um espaço, ao ar livre, sombreado por árvores — com certeza a Lingueta — que era o centro do movimento social. Os ingleses chamam gossip e nós tagarelice ou mexorice. Tanto dos brancos importantes da cidade — os que realizam negócios — às vezes, no meio dessa tagarelice aparentemente tediosa, transações de muitos contos de réis — como da gente simples, carregadores e catraieiros negros e mulatos que se espalham à sombra das gameleiras, conversando, fumando e estranhando. Conversando e às vezes praguejando: pragas — as pragas dos carregadores de cor e as dos marítimos nacionais e estrangeiros — que os papagaios, também numerosos, em suas paradas às portas dos restaurantes, hotéis e tavernas da antiguidade, aprendiam com espantosa facilidade, tornando-se entoados para os estrangeiros. Tornaram-se célebres na Europa esses papagaios do Recife pelos muitos son of a... ou filhos da... que eram capazes de gritar.

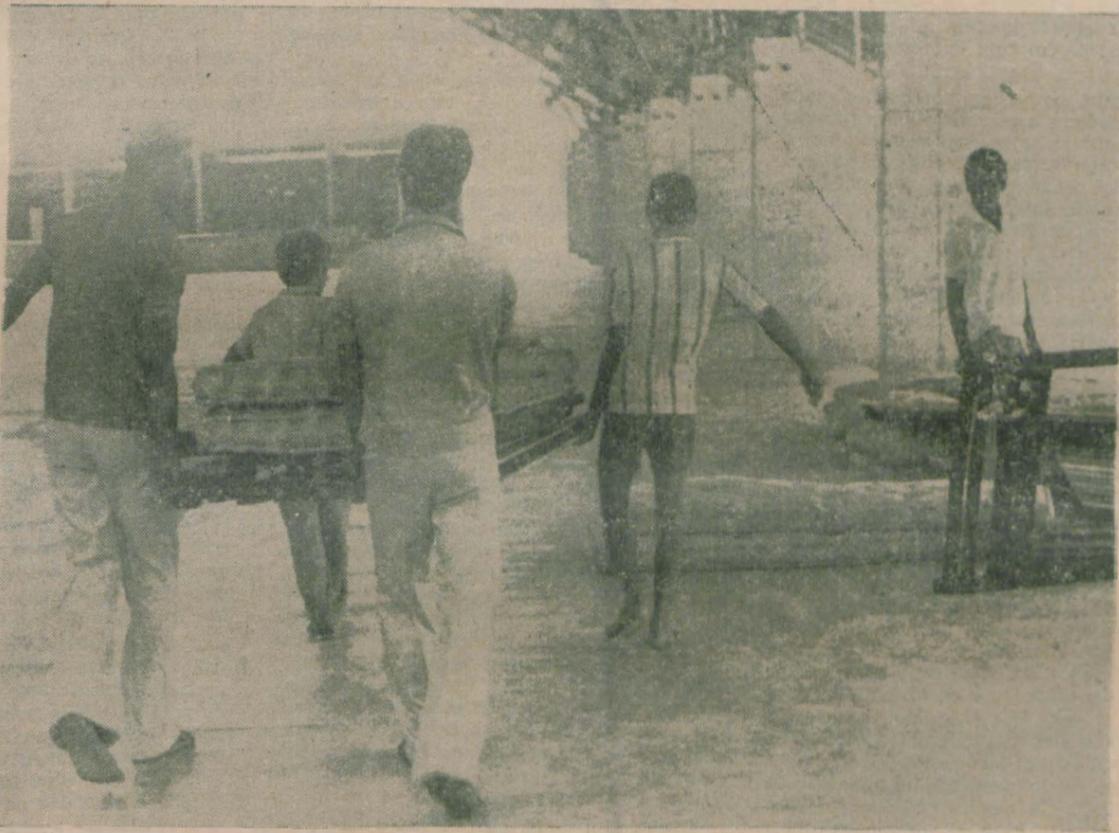
Era ainda, nos princípios deste século, hábito recifense — conservado dos portugueses — cuspirem os homens a qualquer instante, emporcalhando calçadas de ruas, bondes, escolas e igrejas. De outro inglês é a observação de escarrar como quem ceder o português na capacidade de escarrar com vigor; e um inglês raspasse ou limpasse a garganta com todo o vigor; e um inglês dessa capacidade encontrou Martin nos recifenses de há um século. É um mal que vem se atenuando entre nós, mas que se cospe tanto no Recife como há meio século; nem os portugueses

DE RECIFE NA UFPE.

nte descobrir e aprender a ma-
s. Caso a catástrofe seja uma
Welles, na década de 40, anun-
so seja a queda de um porten-
riu boa parte da taiga siberiana
enchente, e é este o nosso caso.
itadas de removerem todos os
que residam em apartamentos
mesmo assim, fica ilhada pelas



Os muros caídos da Escola de Artes



A UFPe. fez distribuição de camas com funcionários atingidos

de agora escarram como o estridor dos velhos dias. O Recife é hoje, talvez, uma cidade mais limpa do que o Rio. Menos cuspada e até menos mijada por vadios desavergonhados. Menos emporcalhada por gente incauta em suas dejeções. Fotografias que o tempo começa a empalidecer mostram ter vindo até à época dos fotógrafos o hábito de alguns desses incautos defecarem napolitanamente ao pé das pontes recifenses, exibindo traseiros para escândalo das inglesas mais severas; e houve tempo em que os despejos se faziam também na água do mar ou dos rios que pacientemente vêm tolerando dos recifenses mais crus toda espécie de mastratos. Vigam-se às vezes, é certo, essas águas, desses recifenses inundando-lhes as casas com suas enchentes; matando crianças e velhos; carregando trastes e panelas de gente pobre; engolindo pescadores em peraus; seduzindo namorados para suicídios românticos por afogamento nos redemoinhos que fazem às vezes os cadáveres dançar danças macabras. Mas sua atitude normal é a de tolerarem mastratos com uma paciência franciscana. São águas franciscanas, as que servem o Recife e os recifenses.

Das suas perversões por industriais desorientados, escrevou páginas de mestre, do ponto de vista científico, o Professor Aluísio Bezerra Coutinha da Faculdade de Medicina do Recife. Este médico e os engenheiros Lauro Borba e Antônio Baltar muito se têm preocupado nos últimos anos com problemas recifenses; velha preocupação de recifenses formados na Europa como o médico do meado do século XIX Aquino Fonseca, conhecido como Goela de Prata (que foi talvez o primeiro no Brasil a cuidar de problemas de zoneamento urbano) e o engenheiro da mesma época, Mamede, que teve um continuador no filho, diretor da Companhia das Águas. Isto sem nos esquecermos de Saturnino de Brito: sua Escola Brasileira de Saneamento foi em parte fundada ou organizada no Recife.

É pena que os maus urbanistas recifenses venham revelar do, nos últimos anos, fúria que em alguns parece doença contra as águas que outrora se espalhavam tão à vontade pelo burgo, como a justificarem suas pretensões a Vera Americana. A fobia a essas águas vem se tornando tal no Recife que breve haverá quem queira aterrar primeiro o Beberibe, depois o Ca-

pirariba, para sobre estes ex rios se edificarem casas de apartamentos e vilas disto ou daquilo. Quando o contrário é que devia fazer-se no Recife: associar-se o mais possível a água à beleza e à higiene da cidade. O sanitarista Saturnino de Brito — que tanto benefício fez ao Recife — foi a idéia que mais atingiu a desta maior associação da água com a cidade, por meio de canais dos quais deixou os traçados. Infelizmente não vem sendo seguido. Nem em quanto a águas e canais nem o velho médico recifense do meado do século XIX educado em Paris, Joaquim de Aquino Fonseca (que o Professor Gilberto Oório não demore em nos dar sua biografia!), quanto ao zoneamento do Recife. Nos últimos anos, até olarias vêm permitindo as autoridades que se ergam, como nunca se ergueram, sobre ruas de residência, com seus ruidos e suas fumaças ditas e brutalmente envolvendo casas de residência de inermes recifenses; e suas escavações estragando as margens recifenses dos rios e desfigurando os mais românticos dos subúrbios antigos.

Mesmo sem gula, o turista, andando à toa pelo Recife descobre os rios: os dois rios recifenses com suas várias pontes. E mesmo sem saber distinguir do Capibaribe o Beberibe — que vem ao Recife apenas para encontrar-se com o mar e cumprir assim uma obrigação de todos os rios — o turista não tarda a se sentir numa cidade formada por ilhas e quase ilhas. Antes do seu encontro com o mar, deixa-se o meio boêmio Beberibe enobrecer em rio oficial. Só depois de contemplado todas as tardes pelo Governador do Estado, da varanda de um palácio à beira rio, o Beberibe perde sua condição de rio para tornar-se água de oceano. Muda então de sexo à vista de qualquer curioso.

O Palácio dos Governadores fica hoje quase no mesmo lugar em que no século XVII o Conde Maurício de Nassau levantou com algum fausto seu castelo: a cavaleiro dos dois rios. Numa perfeita situação recifense. Apenas, como edifício, é um caso banal. Sem a graça do Palácio de Nassau ou sem a dignidade de um antigo sobradão nobre, dos que os portugueses souberam levantar no Brasil, na Índia e em Angola.

Águas sobre a Cultura

Lamentáveis, sob todos os pontos de vista, os estragos causados a instituições culturais. Notadamente Universidade Federal de Pernambuco e Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais. A UFPE, cujas perdas e danos estão avaliados em milhões de cruzeiros, designou, por deliberação do Reitor Marcionilo de Barros Lins, comissão especial para proceder ao levantamento dos prejuízos infligidos a diversas de suas unidades, como as Faculdades de Odontologia, Farmácia e Enfermagem; Departamentos de Fisiologia, Morfologia e Patologia; Instituto de Antibióticos; Hospital das Clínicas Pedro II; Rádio e Televisão; Escola de Artes; Restaurante Universitário; Diretórios Acadêmicos; e, finalmente, Casa da Universitária. Situadas fora do campus universitário, e portanto no bairro do Derby, a Escola de Artes e a Faculdade de Odontologia foram as mais atingidas dentre todas as unidades da UFPE. A comissão especial nomeada pelo Reitor Marcionilo de Barros Lins esteve composta pelos professores Rômulo Maciel, Luciano de Castro Lobo, Maurício do Passo Castro, Marcelo Santos, Ageu de Aquino Sales, Armando Ribeiro Samico, Theófilo Benedito de Vasconcelos, Sebastião Jorge Jatobá, Carlos de Brito Moraes e o estudante Nicodemos Teles Pontes, todos funcionando sob a presidência do Vice-Reitor, professor Rômulo Maciel. Para a UFPE o Ministério de Educação e Cultura liberou verba no montante de 17 milhões de cruzeiros. Em seguida, o Ministro Nei Braga, daquela Pasta, tomará conhecimento da situação do pessoal administrativo atingido, pois um documento especial será enviado à consideração daquela autoridade.

A biblioteca do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, com um acervo de aproximadamente 35 000 volumes — no gênero, a maior do país — foi altamente danificada, causando profunda consternação a todos quanto sabem ser o IJNPS uma das mais significativas instituições culturais do Brasil. No entanto, a desolação de muitos, sobretudo Gilberto Freyre, pode durar pouco: verba do MEC, estipulada em mais de 2 milhões de cruzeiros, foi liberada recentemente, e uma comissão do Patrimônio Histórico Nacional tentará restaurar inteiramente os livros danificados.

A UFPE, por exemplo, já deu início aos trabalhos de assistência a inúmeros de seus funcionários. Através da sua Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários, distribuiu 150 colchões entre eles.

UFPE. administra o Hospital J. Murilo

Dentro da linha de integração que abrange o plano não somente federal, mas também o estadual e o municipal, foi efetivada, as deste mês, a entrega do Hospital João Murilo de Oliveira, em Vitória de Santo Antão, à administração da Universidade Federal de Pernambuco.

O ato contou com a presença do Magnífico Reitor e de outras autoridades.

Depois da fala do Reitor e do desatamento da fita simbólica, pelo prefeito da cidade, José Augusto Cavalcanti Barreto, usou da palavra o Secretário da Saúde, Pedro Veloso Costa e, finalmente, falou o Prof. Amaury Coutinho, da Faculdade de Medicina da U.F.P.E., que representou os professores da área de saúde. Em sua palestra, que durou quase uma hora, o Prof. Amaury Coutinho referiu-se ao programa

de interiorização da Universidade e ao interesse de tal programa de realizar uma medicina integrada, abrangendo o físico, o psíquico e o social. Objetivando os serviços de saúde como os promotores do desenvolvimento, e lutando por uma medicina ao mesmo tempo preventiva e curativa, estaria sendo realizado, na administração do Prof. Marclonilo Lins, o entrosamento entre três áreas: a Universidade, o Estado e a Comunidade.

A transferência administrativa do Hospital João Murilo à Universidade foi baseada no Convênio formado entre a FUSAM e a U.F.P.E. A organização mantenedora do Hospital permanece sendo a FUSAM e, à Universidade caberá a direção administrativa, dentro do seu programa de englobar todas as áreas da medicina social.

Trechos do discurso do prof. Amaury Coutinho:

"Por nmlia consideração do Magnífico Reitor da Universidade Federal de Pernambuco fomos distinguidos para falar, nesta solenidade, em nome do corpo docente dos vários cursos profissionais que compõem a área de saúde.

Estamos confiantes que este ato solene de transferência administrativa do Hospital João Murilo de Oliveira da FUSAM para a Universidade, com o objetivo preciso de integrar o ensino da área de saúde na rede assistencial do Estado e de interiorizar a Universidade, projetando-a na comunidade, constituirá um importante marco na evolução histórica de nossa Universidade e do ensino nas carreiras profissionais de saúde, especialmente em medicina.

Procuraremos, de início, ressaltar as principais etapas que culminaram com a solenidade de hoje e salientaremos, em seguida, os objetivos mais importantes do programa de assistência, ensino e treinamento na área de saúde, decorrente dessa feliz Integração Universidade x Estado x Comunidade.

O Magnífico Reitor Marclonilo de Barros Lins, sentindo a necessidade de desenvolver atividades interdisciplinares para atendimento dos programas de ensino e pesquisa no campo de saúde, especialmente aquelas orientadas no sentido dos problemas da região e objetivando o bem estar da comunidade, além da possibilidade de somar recursos materiais e humanos, designou em 09/11/1973 um Grupo de trabalho com a finalidade de elaborar um plano geral de ação na área de saúde envolvendo ensino e pesquisa. Fizeram parte desse grupo os Profs. Salomão Kelner, de Medicina, Ageu Salles, de Odontologia, Desdemona Bezerra Fernandes de Enfermagem, Alvaro Vieira de Melo, de Nutrição, Manoel Ricardo da Costa Carvalho, de Medicina e Amaury Coutinho, designado seu presidente.

O referido Grupo teve oportunidade de reunir-se inúmeras vezes e de ouvir influentes autoridades regionais, nacionais e internacionais no setor saúde, a exemplo do pessoal técnico e de direção da FUSAM, SUDENE, OPAS, Fundação Kellogg, Fundação Ford, recebendo de todos sugestões, incentivos e promessas de futuro apoio e assessoria. Também viagens ao Interior do Estado foram realizadas pelo Grupo com o objetivo de verificar in locum as condições físicas e de funcionamento de determinadas unidades de saúde.

Após 3 meses de eficiente trabalho, foi apresentado ao Magnífico Reitor o Estudo preliminar de um Projeto sobre ensino e pesquisa na área de — saúde, no qual eram apontados os objetivos gerais e específicos, as metas a serem cumpridas, as necessidades a curto prazo e uma súmula de execução do projeto. Neste, foi sugerido, por uma série de condições favoráveis que a localização preferencial do Projeto se situasse na área programática de saúde do Estado que abrangia os municípios de Vitória de Santo Antão, Pombos e Chã-Grande, tendo como sede principal o Hospital Regional João Murilo, até então pertencente à Sociedade Beneficente do mesmo nome, porém na ocasião administrado pela FUSAM.

O referido Projeto e o Estudo que o acompanhou foram aprovados, sem emendas, pelos órgãos colegiados superiores da Universidade e pelo Reitor Marclonilo Lins. Iniciaram-se, então, os entendimentos, de ordem política e administrativa, entre o Reitor, o Secretário de Saúde do Estado, na época Prof. Fernando Figueira e o Senador João Cleofas de Oliveira, presidente e fundador da Sociedade Beneficente. Como resultado desses altos entendimentos, o Senador João Cleofas fez doação em outubro p. passado do Hospital João Murilo à FUSAM com a finalidade de servir à Universidade. Em decorrência de novos e felizes ajustes entre a Universidade e a Secretaria de Saúde, a frente o próprio Reitor Marclonilo Lins e o Secretário Fernando Figueira, a quem muito devemos foi publicado no Diário do Estado de 14 de março deste ano, o Convênio celebrado entre o Estado e a Universidade Federal de

Pernambuco, com a interveniência da FUSAM e da Faculdade de Medicina, com o objetivo de transferir para a Universidade a administração do Hospital João Murilo e ambulatorios anexos, bem como a área programática compreendida pelos municípios de Vitória, Pombos e Chã-Grande. Com o ato solene de hoje, essa transferência se concretiza oficialmente, tendo cabido aos Drs. Nelson Moura e Luiz Gonzaga Barreto as providências preliminares e essenciais por parte da Universidade.

Tomaremos a palavra integração como "leitmotiv" desta exposição utilizando-a repetidas vezes, porém com diferentes propósitos.

Desde algum tempo vem se desenvolvendo nos meios médicos e universitários a filosofia de uma Medicina integrada que valoriza o homem em sua tríplice dimensão-física, psíquica e social. Decorreu daí a concepção global, adotada oficialmente pela OMS, de que, para manter satisfatório o nível de saúde e bem estar de uma coletividade, há necessidade de ações integradas que incluem medidas de prevenção de enfermidades, de promoção e reabilitação da saúde, só possíveis de serem executadas por uma verdadeira equipe de saúde. Ressalta assim, desde logo, a importância da integração dos vários profissionais, docentes e alunos das diferentes carreiras de saúde. Com isto se multiplicarão necessariamente os recursos humanos e as oportunidades de treinamento e de bons serviços à coletividade. É mister reconhecer todavia, a necessidade de uma mudança radical na concepção e atitude desses profissionais e docentes, ainda não habituados a este tipo de integração e trabalho. Por isso, julgamos necessário, nessa fase, a orientação e assessoria de técnicos em organização e planejamento de saúde, que funcionarão como treinadores dos treinadores. Para isso, esperamos contar com a valiosa cooperação da OMS/OPAS aqui representada pelo Dr. Leopoldo Castro. No tocante aos alunos das diferentes profissões de saúde, postos a trabalhar desde cedo nessas equipes, que serão variáveis de acordo com os vários tipos de atenção médica acreditamos que as coisas evoluirão de maneira mais fácil.

Um outro importante aspecto da Medicina comunitária é o conhecimento que proporciona da realidade nacional. É pacífico que a partir do desenvolvimento econômico e social se pode esperar uma significativa melhoria do estado de saúde do país. Porém existem necessidades impreteríveis de saúde a que devemos dar resposta. Se não se entende ou se conhece a realidade do país, atuaremos com uma medicina estranha, alienada, porém se temos consciência e conhecimento dos múltiplos fatores que interferem na causalidade das doenças regionais, poderemos transformar os serviços de saúde em promotores do desenvolvimento. Já que ao atuar com a comunidade na melhoria de seus níveis de saúde, em geral se favorece o desenvolvimento de seus níveis de vida.

Para identificação e estudo dos problemas médico-sociais, sub-projetos específicos de pesquisas, de várias naturezas, incluindo pesquisa operacional deverão ser elaborados no decorrer do Programa pelo Corpo docente com ajuda dos alunos. Teremos assim, um excelente campo de atuação para preparo de teses de mestrado, doutoramento e livre-docência em todos os setores da área de saúde. Como sempre deve ocorrer no âmbito da Universidade, é também aqui factível, e mesmo necessário, a coexistência harmônica de assistência, docência e investigação.

O ensino no Hospital-Escola, embora essencial é todavia, insuficiente e por vezes, deformante da realidade médico-social. Nesse tipo de hospital se depara predominantemente com a resultante final da enfermidade que é pouco representativa da patologia prevalente na comunidade. Para sanar esse sério inconveniente, têm se procurado desenvolver amplamente o ensino ambulatorial, o qual constitui realmente um passo avante no aprendizado, porém ainda longe de ser o suficien-

te. Poderíamos mencionar aqui, como testemunho vivo e atual dessa asserção, um dos aspectos ventilados no recente trabalho de pesquisa médico-social do Dr. Guilherme Abath e colaboradores sobre o nosso Hospital Universitário no qual mostram que 52,6% dos pacientes que procuraram o Hospital Pedro II em 1973 o fizeram 12 meses ou mais após o início dos sintomas, isto é, em fase já tardia de suas enfermidades. Há, por conseguintes, necessidade inadiável de estender esse aprendizado aos centros de saúde, aos hospitais regionais e às outras modalidades de atenção médica, dentro do complexo sistema regional de saúde.

A Integração preventiva curativa fundamental, já referida, com ações intra e extra-hospitalares, incorpora o conceito epidemiológico de enfermidade, identificando-a como um processo amplo, contínuo e dinâmico. Desta forma, a apreciação justa e completa da história natural das doenças, notadamente as de ordem regional, só poderá ser devidamente avaliada pelos alunos e docentes através de oportunidades amplas de treinamento nos vários níveis de atenção médica, desde o mais elementar, em plena zona rural até o mais sofisticado nas grandes cidades.

Já existem excelentes estudos e planejamentos sobre essas diferentes etapas de atendimento de saúde da população, escalonadas numa verdadeira pirâmide, a começar pela chamada atenção primária que envolve diretamente a própria comunidade organizada e os auxiliares ou assistentes de saúde não graduados. Segue-se a atenção secundária, representada por Unidades de tipo local, Postos de Saúde e Hospitais regionais de natureza urbano-rural como o atual João Murilo. Finalmente existe o nível terciário, na forma de Hospitais gerais e Hospitais especializados na área metropolitana, entre os quais se insere o Hospital Universitário. Deve haver então, dentro do plano de regionalização de serviços, uma verdadeira hierarquização e entrosamento das unidades de saúde tendo em vista o grau de complexidade dos recursos materiais e humanos nelas existentes.

O ensino inserido na rede de saúde constitui, portanto, um dos objetivos fundamentais da educação médica atual, particularmente em países em rápido desenvolvimento. Isto tem sido muito bem colocado por autoridades educacionais na área médica, a exemplo de Mario Chaves em seu excelente livro Saúde e Sistemas editado em 1972, José Pinotti, da Universidade de Campinas em sua Conferência do ano passado no II Seminário de avaliação da FUSAM e Carlos Vidal, da OPS em seu fundamental trabalho, já referido. A própria Comissão de Ensino Médico do MEC, de alto nível, em seu relatório sobre "Ensino Médico e Instituições de Saúde", de março de 1974 estuda com acuidade o problema, faz expressas recomendações sobre a necessária integração ensino/serviço, ressalta o valor da assistência médica como base do ensino e a importância da integração assistência x ensino x pesquisa nesse campo, salienta a adequada articulação Hospital Universitário com a rede regional de saúde e enfatiza a boa formação do Médico através da Medicina comunitária.

Refletindo essa mesma ordem de idéias e orientação, a Federação Panamericana de Associações das Faculdades de Medicina vem desenvolvendo desde 1973 um intenso Programa de Saúde e Comunidade com a ajuda financeira da Fundação Kellogg, onde cada projeto é avaliado em seu tríplice aspecto fundamental saúde, educação e comunidade, cada um com seus próprios indicadores. Várias Universidades e Escolas sulamericanas e brasileiras no campo de saúde já se engajaram, de uma forma ou de outra, nesse tipo de Programa. Podemos citar a Universidade del Vale, em Cali, Colombia, a Javeriana de Bogotá, a do Panamá, a Universidade de Zulia na Venezuela, a de Campinas, em São Paulo, a Universidade de Brasília, a de Niterói, entre outras.

Chegou agora, a vez da Universidade Federal de Pernambuco com o seu "Programa Integrado de ensino da área de saúde na

comunidade", ou seja, "Medicina Comunitária". Aqui, nesse Hospital João Murilo, esperamos colocar os alicerces deste programa, cujos objetivos gerais constituem todos aqueles aspectos conceptuais de medicina comunitária que acabamos de ressaltar e que então bem condensados nos seguintes itens, elaborados pela Federação Pernambucana de Associações de Faculdades de Medicina:

1 — Promover atividades de educação nas profissões de saúde de tal maneira que o professor e o estudante desenvolvam atitude positiva para a comunidade;

2 — Promover contínuas atividades de investigação na comunidade para identificar e estudar os problemas de saúde e propor mudanças necessárias na docência, serviços, planificação e administração de tudo o que tem que ver com o bem estar da população;

3 — Promover a participação ativa da Comunidade na solução de seus próprios problemas de saúde;

4 — Prestar serviços a comunidade com o enfoque de fazê-la compreender a multicausalidade das doenças;

5 — Promover uma união de recursos para sua melhor utilização;

6 — Promover uma análise crítica permanente de todos os aspectos educacionais, de serviços, de investigação e administração ao nível de cada sub-projeto e a nível mais amplo.

A Sociedade Beneficente João Murilo através do seu eminente presidente Senador João Cleofas de Oliveira, manterá, estamos convencidos, os vínculos e possíveis ajudas para que permaneça em plena atividade a magnífica obra social, que é este hospital, cujo nome reverencia a memória do filho diluto prematuramente desaparecido.

Também estamos seguros, que um Projeto dessa natureza interessará e sensibilizará os órgãos federais de planejamento e execução na área de saúde pois, já é idéia cristalizada, neste Governo que os graves e complexos problemas de saúde só poderão ser equacionados e resolvidos pela ação unificada e coordenada de todos os órgãos relacionados, de uma forma ou de outra com a problemática. Para isto já existe, no âmbito nacional o "Plano básico de ação sanitária para o Nordeste" que faz parte do II Plano Nacional do Desenvolvimento.

Por conseguinte, iremos buscar ajuda e cooperação, dessa ou daquela maneira, nos diferentes órgãos locais representativos dos 4 principais Ministérios responsáveis pela política nacional de Saúde: o de Saúde, Educação, Interior e Previdência Social. Estamos certos de obtê-las, sob diferentes formas e graus, por parte da SUDENE, INPS, FUNRURAL, Fundação SESP, CEME, INAN etc. além dos programas específicos de assistência ou pesquisa no âmbito de saúde, como por exemplo o Materno-Infantil do Ministério de Saúde e o PLANASA do Ministério do Interior, entre outros.

Alinda no terreno das instituições, nos é grato ressaltar a provável participação neste Projeto de dois acreditados órgãos internacionais devotados à saúde e à educação — a Organização Panamericana de Saúde e a Fundação N. K. Kellogg. Lembramos, no entanto, que essa esperada participação só se fará sentir se houver suficiente credibilidade dessas instituições na planificação, execução e continuidade do Programa.

Finalmente, a Comunidade através de suas administrações municipais, suas instituições oficiais ou particulares e de suas lideranças naturais, terá que reconhecer a importância do Projeto para sua região e para seu povo e deverá dar todo o apoio e colaboração necessária, pois ela será o principal usuário dos inúmeros benefícios que certamente advirão, a longo prazo, do Programa que ora se inicia.

Com essa somação de esforços e de recursos materiais, se forem realmente bem captados e coordenados, conforme esperamos, é possível acreditar no sucesso do Projeto, que pelo seu nome sugestivo parece anteceder o êxito desejado — Projeto Vitória".



Na solenidade, presença de muitas autoridades, entre elas o reitor Marclonilo de Barros Lins

Domício: um brasileiro em Nova York



DOMÍCIO COUTINHO

Domício Coutinho nasceu no município de João Pessoa, na Paraíba. Aos 3 anos, a mãe viúva vem morar com 7 filhos na cidade de Paulista (Pe). Despertou-se-lhe o gosto pelas coisas sacras. Aos 13 anos ingressou no Seminário. Primeiro no da Várzea, depois no de Olinda. Viajou para o Rio Grande do Sul, onde fez o triênio de Filosofia. Em seguida para Roma onde se bacharelou em Teologia.

Abandonou o Seminário faltando um ano e meio para ordenar-se. Antes de voltar ao Brasil, visitou vários países da Europa, fazendo preciosos contatos em nível universitário.

Novamente no Recife, iniciou o curso de Letras e Direito. Concluindo Letras, viajou para a Europa, via Estados Unidos. Neste país resolveu interromper-se, estabelecendo residência definitivamente.

Em 1970 iniciou o curso de mestrado na Universidade de N. York, onde se prepara para defender tese de PH. D.

Poeta e crítico formado de bases teológicas e filosóficas, Domício Coutinho não perdeu, ao longo de suas caminhadas pelo mundo, aquela capacidade para a admiração que caracteriza todo autêntico talento. Vive nele ainda o jovem egresso do Seminário que, aos primeiros contatos com a cultura norte-americana, ao procurar um confessorário naquela grande Babel, por não entender muito bem o Inglês do Sacerdote, teve de confessar-se em latim, deixando o confessor sumamente perplexo. Sua inteligência, aliada à simpatia, poderá ajudá-lo bastante, junto aos representantes atuais do novo pensamento norte-americano, no seu trabalho de embaixador de nossa cultura nos Estados Unidos. Para Domício o criticismo não é bom para formar o poeta novel. Teoria literária, sim: é o que ele nos dirá na entrevista a seguir.

1. É verdade que você começou a escrever poesia a partir dos estudos sobre a teoria do poema?

R. É certo. E deixo só de incluir quatro ou cinco poemas escritos entre os treze e vinte e cinco anos. Então eu escrevia só contos e pequenos ensaios para as revistas dos seminários.

2. V. Pretende afirmar-se mais em que gênero, na poesia ou na ficção?

R. É difícil dizer. Até 1969, desconhecia em mim qualquer talento poético. Eu sentia a beleza lá dentro de mim latejando, mas ao procurar extraí-la a coisa nunca saía em verso autêntico, nem a golpe de machado. Comecei a frequentar as aulas de Stepanchev, no Queens College. Foi ele quem descobriu o vírus na minha veia. Não sei se o bendito ou malsine. O certo é que a revelação me colocou numa aura que eu

jamais sentira antes. Parece-me ouvi-lo: "This is fresh and new! This is promising! Very promising!" O exagero tinha só o intento da motivação. Alguns colegas escutaram, alguns realmente talentosos, e eu, envaldecido, ia vertendo com ferocidade aquela "obra-prima", que era o "O Vagabundo":

"Down the road he goes a vague and solitary mind!"

A partir de então eu relegava para outras horas os meus queridos contos, alguns dos quais tomariam o nome ocasional de "Noites em Nova York".

3. Até que ponto você reconhece a necessidade de intensificação dos estudos críticos para a eclosão da criação literária?

R. Nenhum estudo crítico é necessário para as primeiras dedilhadas na lira. Não obstante, o poeta novo terá que apurar seu gosto e desenvolver sua própria técnica praticando com os grandes mestres.

Como Auden eu sou de parecer que criticismo não é bom para formar o poeta novel. Teoria literária, sim. Criticismo, não. Nunca esquecerei o fato de que um poeta como Shelley estivesse no "inferno" por quase meio século, tudo porque um crítico como Mathew Arnold e um conservador como T. S. Elliot fizessem drásticas reduções ao valor do poeta, não por causa de sua obra em si, mas por causa de sua conduta pessoal e o erotismo de sua obra. Shelley teve que esperar até o após guerra para começar a ter o público que merecia.

4. Em que medida seus estudos teológicos e filosóficos

cos em Roma tiveram influência na estrutura de sua formação poética?

R. Uma sólida formação filosófica é base para qualquer estudo sério. Principalmente teologia. Além disso, minha vida e meus estudos em Roma me deram vivências e ambiências memoráveis. Não era só o entrar nas catacumbas úmidas ou escutar sozinho as paredes mortas do Coliseu. Era penetrar na Basílica de São Pedro, esvoaçante de júbilo e ouvir a massa mais heterogênea do mundo adunar-se ao canto orgânico de fé, vibrando ao som espasmódico de "Evilva il Papa!", enquanto Pio XII, branco, etéreo, de pé, aos ombros da guarda suíça, como um maestro em êxtase arqueava os braços ao céu como a arrebanhar todas as bênçãos sobre sua cabeça e que depois derramava sobre o povo, cabisbaixo, compungido, esperando para irromper em novo grito de "Evilva il Papa!". Ele assim era a coisa mais viva que tocava meus olhos, comparada a um anjo de paz. Depois do cortejo nós corríamos a beijar a mão aos cardeais, um ou outro que fosse mais papável: Lerocar, Cirl, Cicognani, o francês barbudo e bravo Tisserant, que me deu muita represália em latim, por eu ter furtado a mão do Papa e ter dito: Santo Padre Brasil! Depois o gordo e bonachão Roncalli (João XXIII), que falava com Pio XII rindo forte na garganta e dando cuteladas com os dedos na barriga do Papa. E atrás de todos, modesto e recolhido, o Monsignore Montini, o secretário de estado, substituído, que ficaria substituído até ser feito cardeal de Milão.

Entretanto, Roma significava sobretudo a formação da mente para as grandes jornadas do espírito que eu empreenderia depois.

5. O contato com as novas escolas de poesia nos E. Unidos, a começar de R. Lowell, forçaram-no a alguma aproximação com a nova

orientação poética brasileira?

R. O confronto era inevitável. Diz Auden que nunca se escreveu tanto e tão boa poesia como agora. A nova poesia americana apresenta valores notáveis. Enfim, compreende-se o que Wallace Stevens dizia: "Um livro de poemas é uma coisa danadamente séria". E sério é o que os "Confessional Poets", os "Black Mountain Poets" estão fazendo. Até mesmo o "Black Dada Nihilism" de Baraka é coisa séria. No Brasil, principalmente no Recife, vejo florir o mesmo espírito. "Serviço servandi", César Leão, Marcus Accoly, Angelo Monteiro, Déborah Brandand e outros



vão tratando o poema com o ritual e seriedade do matador. Matar ou imolar apenas em sentido místico. Até o momento em que se dá o poema como fim, ou simplesmente abandonado, como queria Valéry.

6. O seu primeiro livro de poesia "Salomônica", obedeceu aos pressupostos que atualmente orientam seu trabalho poético?

R. Até certo ponto. "Salomônica" foi uma experiência rara. De um certo modo, obedeceu a um princípio metodológico cartesiano. Pri-

meiro, é certo, os diversos poemas obedecem a diversos momentos. Depois de prontos, foram reelaborados duas, três ou mais vezes. Eu andava desencantado com a poesia moderna no Brasil. Havia até gente de valor escrevendo idiotice sem parar. Sentí necessidade de um retorno aos elementos primários, aos primeiros encantos da lírica, a flor, o roçar do vento. Então, cartesianamente, procurei desprender-me de tudo que teria aprendido das escolas e, aos quarenta, iniciei a poesia dos dezoito, a poesia que estava em mim sem ser escrita. Eis "Salomônica". Processo de reversão na mente e uma revolta. Não só contra padrões culturais mas até contra convencionalismos de linguagem que eu abandono, por outra que viria do tema.

7. É verdade que você está elaborando um levantamento crítico da poesia americana contemporânea?

R. Meu contato com os poetas americanos, como disse, a partir de 69, me despertou grande interesse. Achei depois que isso interessaria também a muita gente no Brasil. Um primeiro artigo sobre Stepanchev, meu amigo e antigo professor, me convenceu ainda mais que a matéria era boa e o terreno próprio. Alguns jovens do Recife mostraram que compreendiam meu trabalho e foram adiante até sugerindo novas idéias. Veio então o segundo artigo sobre Anne Sexton, figura realmente impressionante, confirmando as expectativas. A seguir estou escrevendo sobre outras figuras como Sylvia Plath, Denise Levertov, Erica Yong, Barryman, Auden, Lowell e Baraka.

8. Como você interpreta as concepções do pensador Pessoa de Moraes, sobre uma poesia cósmica e sobre a reformulação, por ele propugnada, das diretrizes gerais da poesia?

R. O filósofo Pessoa de Moraes vem elaborando um

epistemologia crítica de todo o saber humano. É, a meu ver, uma montagem filosófica e científica à altura dos dois ou três maiores pensadores da História. Se ele estiver 20% certo, a tecnologia moderna terá voltado as costas ao século vinte em posse de novas estruturas de conhecimento e conceitualização reformulada de todas as ciências. Perguntei a Larousse como ele tinha conseguido escrever seu dicionário. Ele respondeu: "Passando quarenta anos sentado nesta cadeira". Se Pessoa fosse Larousse, ele precisaria de cem anos para completar o que está fazendo. Entretanto, conforme ele, o Tertium Organum Milenium estará pronto em dois ou três anos mais. Acontece que em "Sésamo de Homem", meu segundo livro de poemas ainda inédito, eu projetava uma poesia cósmica além-abismo, além-esferas. É aqui que minha visão e as concepções de Pessoa, como que se aproximam e tocam. Encontrei nele o arcabouço filosófico das minhas escavações poéticas. Sobre tudo encontrei nele aquilo que Guthrie chama de inocência sem limite de Einstein, Rembrandt e Blake.

New York, 30 de julho de 1975



Literatura mostra a manifestação dos místicos no Brasil



Frei Damião é respeitado pelos seus amigos sacerdotes



Todos querem tocar em Frei Damião

“O sertão vai virar mar e o mar vai virar sertão” — a frase profética de Antônio Conselheiro varava as matas e os descampados, agitava os fanáticos. Vestido numa batina, cajado na mão direita, barba longa, fala mansa, o Conselheiro evitava encarar as mulheres, anunciava os castigos do céu. Primeiro transformou-se em motivo de cantorias, “versos” e “desafios” dos poetas populares. No entanto, seu maior “biógrafo”, aquele que decididamente marcou sua presença em toda a literatura de língua portuguesa foi Euclides da Cunha. O Conselheiro entrou nas páginas notáveis de “Os Sertões”, apesar de todo o cientificismo do autor, quase como uma figura mitológica, comandante de multidões pobres e miseráveis, pastor de uma procissão de desgraçados, dos humilhados e ofendidos. Daí por que Antônio, o Conselheiro, transformou-se na figura maior de toda a literatura mística do País — isto é, literatura mística no sentido de registrar a presença de todos esses “fanáticos” na vida sempre propícia do sertanejo..

“O Rei da Legião dos Miseráveis”, o Antônio Conselheiro, comandante do “exército louco de sertanejos”, foi o responsável pela morte de centenas de homens que, para defendê-lo, esmagaram batalhões inteiros, assombrando a Nação, enfurecendo governantes. Para testemunhar a presença desse terrível comandante de fanáticos, Euclides da Cunha, como jornalista e escritor inteligente, dirigiu-se para Canudos, nos sertões baianos. Logo nas suas “cartas jornalísticas” mostrava-se impressionado com o poder avassalador do Conselheiro. Já em Salvador, de onde seguiria viagem para Canudos assistiu à chegada de centenas de soldados, trazidos em cambaios. Desfilavam desmantelados pela ruas: feridas sangrentas sujas de areia, braços na tipóia, pernas quebradas, cabeças partidas, a roupa em tiras descobrindo partes do corpo. Para Euclides, era uma visão bastante antecipada do “Inferno sertanejo”. Em Canudos, viu soldados morrerem, comandantes abandonando os postos, fanáticos despedaçados, até à morte do Conselheiro, num combate heróico, depois de tanto tempo de luta, tempo de guerra.

Mas os místicos não serviram de motivo apenas para Euclides da Cunha. Marcaram decisivamente a obra de muitos outros notáveis escritores brasileiros. Um deles: José Lins do Rego. O escritor paraibano, durante grande parte de sua vida, esteve se dedicando ao que foi chamado “ciclo da cana-de-açúcar. Mais tarde, não podendo desprezar a força de personagens sertanejos, escreveu: “Pedra Bonita” e “Cangaceiros”. O primeiro dedicando-se quase inteiramente ao tema do misticismo sertanejo e o segundo mesclando os poderes da religião com os poderes do cangaceirismo — ambos fortes e decisivos. Nessas duas obras, José Lins do Rego realiza o que Ariano Suassuna chamou de “A gesta de Aparício”. Nelas, encontra-se — contando ainda com “Fogo Morto” — o que o escritor paraibano realizou de mais notável em sua carreira literária.

no Suassuna, um dos escritores de maior poder criador na América Latina, Ilgou-se ao tema numa de suas peças de teatro mais notáveis e que, praticamente, o revelou para o País: trata-se de “O Auto da Compadecida”. Porém, diferentemente de seus outros companheiros literários, Suassuna apresentou um Santo mais poético do que documental. Isto é, foi mais criador e menos “jornalista”. A peça, em três atos, é o que se pode chamar de uma grande comédia popular e o Cristo, para surpresa do espectador, somente é apresentado no último ato. A princípio, na verdade, a surpresa é muito grande: Cristo é um negro.

Entretanto, para quem conhecesse esses aspectos religiosos do Nordeste — Suassuna não apresenta nenhuma tese racista em sua peça — seria fácil identificar logo a representação do fanático sertanejo.

CÍCERO E DAMIÃO

Um místico que, apesar de todos os seus poderes, é inteiramente diferente dos “santos sertanejos”. Padre Cícero Romão Batista. Inteira-mente diferente dos “santos sertanejos” por um motivo simples: era na verdade um padre católico, letrado, culto, conhecedor de suas possibilidades de poder. Os outros, geralmen-

te analfabetos, não somavam essas características, aliás importantíssimas, do “santo do Juazeiro”. De certa forma, o Padre Cícero fez questão de manter os seus poderes, embora, em diversas ocasiões tenha sido repreendido pela Igreja, chegando a receber convite para se apresentar ao Papa, em Roma.

Alguns estudiosos — Padre Cícero tem sido repetidamente biografado por diversos autores — chegam a admitir que ele usava “truques” para entusiasmar os sertanejos. Por exemplo: Dizem que a Beata Mocinha, em Crato, quando se preparava para comungar, e não tendo respeito

à hóstia, cuspiu sangue. Para alguns estudiosos, ela não fez outra coisa senão cuspiu o sangue que sala de um dente cariado. No entanto, apesar de tudo Isso, Padre Cícero Romão Batista comandou de tal maneira os fanáticos sertanejos, durante longo tempo, que o próprio Lampião, o chamado “Rei do Cangaco”, seguiu rigorosamente os conselhos do sacerdote, não admitindo mesmo que alguma pessoa pudesse desrespeitá-lo ou desacreditar dos seus imensos poderes.

Outro religioso que nos últimos 50 anos tem marcado decisivamente a vida mística do Nordeste brasileiro é o frei Damião. Falando sempre manso, olhos verdes e fundos, irredutível nos seus princípios, frei Damião é visto no Nordeste como um santo de poderes ilimitados. Tem sido muito cantado nos versos dos poetas populares e motivo de reportagens em grandes revistas brasileiras. Muitas lendas são contadas a seu respeito: Em Crato, no Ceará, uma moça virou jumento somente porque disse que não acreditava nos poderes de Frei Damião; um marceneiro, que trabalhava na hora de uma procissão, virou bode; uma mulher viu o sacerdote andando acima do chão, mais de um palmo; ele não dorme em qualquer cama, preferindo sempre o chão e anda sempre com um alfinete furando sua barriga, para que esteja lembrado dos castigos do céu, evitando assim os pecados e exigindo que os católicos possam cumprir com precisão os mandamentos da lei de Deus.

Nos últimos anos, frei Damião tem sido considerado o mais autêntico “santo” sertanejo, embora seja italiano e conforme se informa, de origem real. Dizem que era príncipe quando decidiu ser frade capuchinho. Ainda hoje, mantendo um hábito antigo, viaja todos os anos para a Europa, onde visita seus familiares.

Também é uma figura que começa a ser personagem de vários livros, sobretudo de estudiosos interessados no fenômeno religioso brasileiro, em geral, e sertanejo, em particular.



Frei Damião é visto como um santo no Nordeste do País

No entanto, também o próprio Ari-

JOSÉ CARLOS TARGINO



A Tradição Invertida



Algumas palavras a propósito de arte popular versus arte de massas podem tirar algumas dúvidas. Stuart Hall e Paddy Whannel estudiosos da arte popular, estabelecem uma distinção entre as formas. A arte popular, eles afirmam, possui um estilo nitidamente pessoal, ao passo que a arte de massas "frequentemente destrói todos os traços de individualidade e de idiossincrasia, que tornam uma obra intensa e viva, assumindo uma espécie de qualidade despersonalizada, um não-estilo". O western pode ser tomado como ponto de partida. Els um gênero cinematográfico extremamente estilizado que veio a ser autêntica arte popular nos filmes de um John Ford, por exemplo. E, mais uma vez, Hall e Whannel: "A estilização é necessária ao artista popular, e as convenções fornecem uma base de concordância da qual brota uma invenção verdadeiramente produtiva. Na arte das massas a fórmula é tudo — e constitui antes uma fuga da originalidade do que um meio a ela condutivo. O artista popular pode usar das convenções para selecionar, enfatizar e acentuar (ou modificar a ênfase e o acento) de maneira a deleitar a audiência

com uma espécie de surpresa inventiva. A arte das massas usa de estereótipos e fórmulas para simplificar a experiência, para mobilizar sentimentos banais..."

Não pode haver dúvida quanto à identidade do filme de western. Assim, o western é facilmente reconhecido pelas suas convenções e ingredientes: os vastos panoramas, o movimento livre e desembaraçado de homens e cavalos, e o herói — uma figura solitária, cujas origens nunca estão bem determinadas, e cuja principal atitude consiste na luta pela justiça e pela ordem. Como em *Shane* (no Brasil "Os Brutos Também Amam"), do realizador George Stevens.

Concluída sua missão — habitualmente pontilhada de acontecimentos emocionantes — ele prossegue em sua jornada solitária, heróica e, espiritualmente, bem recompensada. No filme de Stevens o personagem *Shane* (Alan Ladd) — no caso, o herói — surge como por encanto no rancho de Starrett (Van Heflin), o líder dos agricultores em oposição a Ryker, o mentor máximo dos pecuaristas, e logo depara com aquelas encenanças que simbolizam, aqui e ali, o

choque entre os dois grupos. Como todo herói que se preza, ele se define em torno de uma das facções: a dos agricultores. Por outro lado, um sintoma grandiloquente do comportamento de *Shane*, às vezes revestido de uma certa ambiguidade, é a idolatria que lhe vota o menino *Joey* (Brandon de Wilde), comovente e doloroso retrato de uma infância cujas aspirações saltam à vista, toda vez que *Joey* manipula, brincando, a arma do pai. "Os Brutos Também Amam", um dos mais populares westerns desde "No Tempo das Diligências", resultou num filme belíssimo, num exemplo singular — e hoje raro — do genuíno western. Ali podemos vislumbrar os ingredientes peculiares à verdadeira arte popular.

Num extremo oposto, ou seja, como variante significativa da arte de massas, encontra-se *Soldier Blue* ("Quando é Preciso Ser Homem"), do diretor Ralph Nelson, interpretado por Peter Strauss e Candice Bergen. Enquanto no western clássico inexistia qualquer tipo de mensagem, ao mesmo tempo em que o gênero não se deixa servir como veículo de propaganda, o filme de Ralph Nelson é abertamente anti-Establish-

ment e antiguerra. Ou seja, um panfleto. Mas o filme foi produzido para satisfazer aqueles que condenavam a política externa do Pentágono no Sudeste Asiático, e o diretor não procurou senão ser "atual" e relevante. Em outras palavras, agradar a um certo público é mais interessante do que usar a inteligência para gerar um filme cujas qualidades artísticas não passariam despercebidas pelos apreciadores do gênero. Ora, o western é poesia épica pura, transmitida em linguagem cinematográfica.

"Quando é Preciso Ser Homem" descreve o massacre de índios cheyennes em Sand Creek, em 1864, emmerando-se em enfatizar estrondosamente a violência com que os soldados da Cavalaria aniquilaram os peles vermelhas. A vingança veio doze anos depois (1876): uma confederação de índios destruiu milhares de soldados comandados pelo célebre general Custer, um dos mais revisados "heróis" da História dos Estados Unidos, na batalha de Little Big Horn.

O evento foi amplamente focalizado numa paródia intitulada *Little Big Man* ("Pequeno Grande Homem"), do competente diretor Arthur Penn, responsável por um

antêrior western de boa cotação ("Um de Nós Morrerá"). E, embora Arthur Penn não tenha realizado um western na verdadeira acepção da palavra — já que fugira às convenções do gênero — "Pequeno Grande Homem" é um filme infinitamente superior ao de Ralph Nelson. E é fácil compreender: o segundo não possui os dons do artista popular. E, se o western clássico simplificava a dicotomia Bem-Mal ao apresentar, com raríssimas exceções, os índios como sendo os vilões, e o brancos como os "mocinhos", o filme de Ralph Nelson não deixa de fazer o mesmo, sem no entanto conter as proporções épicas do western extremamente estilizado e poético.

Robert Warshaw, que se dedicou ao estudo das várias formas e manifestações da arte popular, dizia que o western "é uma forma de arte para connoisseurs, sendo que o espectador se deleita em apreciar as pequenas variações dentro de uma prática que segue uma ordem preestabelecida".

No entanto, essas pequenas variações capazes de deleitar o connoisseur são produzidas única e exclusivamente pelo artista popular, o qual se apropria da convenção e do estilo de maneira

criativa, transfigurando-os com seu toque individual. Muitos e muitos estudiosos já analisaram o western como sendo a transposição para o cenário norte-americano de uma peça de moralidade do teatro medieval onde o Bem e o Mal são colocados como irremediáveis opostos. Essas abstrações estão incorporadas no herói e no vilão, respectivamente. Assim, podemos dizer que no filme de George Stevens — comentado rapidamente em alguns parágrafos acima — o Bem é representado por *Shane*, o destemido defensor da causa dos agricultores, e o Mal pelo mítológico pistoleiro *Wilson* (Jack Palance). O herói do western é o cavaleiro medieval transposto para os confins do Novo Mundo, uma espécie de cruzado em permanente luta contra os infiéis. Elio F. Giacomelli acrescenta que "esse gênero cinematográfico nada mais é do que um dos inúmeros arquétipos comuns a várias civilizações e a várias épocas. Outros já apontaram as semelhanças entre o western clássico e as lendas japonesas sobre os samurais".

Portanto, ao pretender que o western atue como catarse para os sentimentos de culpa do anglo-saxão branco e protestante, referentes ao seu negativo papel em face dos índios, Hollywood não tem feito senão distorcer o real significado do gênero, encurtando-lhe o alcance.

O western clássico traduz em termos míticos a saga do pioneiro norte-americano nas fronteiras, se expandindo para o oeste — "No Tempo das Diligências". "A Última Carroça", este último dirigido por Delmer Daves. Por conseguinte, constitui um traço de fisionomia nacional. Contudo, por mais parcial e distorcida que seja a imagem que se tem de uma sociedade, pelo cinema, é ainda possível vislumbrar na tela uma fisionomia nacional.



Origem dos gregos é discutida em tese de Martha Pimentel

"Lançada ligeiramente a vista no mapa da Europa, logo se destaca a porção grega, com suas costas muito recortadas e um número incontável de ilhas, à semelhança de contas, pontilhando o mar Egeu, parecem aí guardadas por Creta".

Este trecho é de Martha Pimentel de Mello Torres em seu trabalho apresentado no Mestrado em História, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco. Martha é auxiliar de Ensino no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba.



Os Aqueus

Martha Pimentel de Mello Torres ocupa-se, neste seu trabalho, dos aqueus. Com farta bibliografia, desenvolve-o em 34 páginas, iniciando-o no neolítico, com uma visão panorâmica da região grega habitada por populações de origem até hoje discutida, inventando-se hipóteses as mais variadas, como sejam: da Rússia meridional, da Bessarábia, da Transilvânia, do Planalto do Halys e do Crescente Fértil. No final do terceiro milênio A.C., a arqueologia grega revela um profundo corte, em decorrência da chegada de grupos maciços de invasores anatólicos, que dão início à Idade do Bronze, constituindo o período denominado de Heládico Antigo. Espalham-se pelo continente e ilhas, dando nomes às montanhas e aos rios, denominações que permanecem até os nossos dias.

Os Primeiros Gregos

Discute-se a origem do povo grego. São aqueus ou jônios? Um conjunto de povos, os indo-europeus, de características físicas diversas, agrupados segundo traços comuns de sua linguagem, parecem ter dado origem aos primeiros gregos. Se foram aqueus temos que admitir que vieram em duas levadas. Uma no início do século XX A.C. e a outra quatro séculos depois.

Através da Ilíada

Os reinos aqueus são bem conhecidos através do Canto nº 2 da Ilíada, ao enumerar os participantes da expedição contra Tróia e com quantos navios contribuiu cada um deles. Micenas, a mais importante, com 100 navios, Creta com 80 e Argos, Tirinto e Pilos com 90, cada. Hoje é difícil deduzir a delimitação desses reinos e o relacionamento existente entre eles.

Homero conta em detalhes a conquista de Tróia pelos aqueus. Por muito tempo supunha-se a descrição pura imaginação do poeta, mas a arqueologia vem provar a veracidade de parte dos fatos narrados por ele e, atualmente, essa conquista é vista como sendo a última grande ação dos aqueus.

Também em Micenas foi encontrado um copo de ouro que se enquadra perfeitamente na descrição feita na Ilíada: "... uma bellissima copa que o velho de casa trouxera, com cravos de ouro adornada, munida outrossim de quatro alças com duas pombas ao lado de cada uma delas perfeitas, de

ouro a bicar dois suportes por baixo do copo se viam..."

Esse realce da poesia homérica e a história é fundamentado por Martha de Mello Torres em seu trabalho, enriquecendo-o.

Através da Arqueologia

Segundo descobertas arqueológicas os aqueus desenvolvem sua cultura em época paralela aos cretenses, no extremo sul do Egeu. Os famosos palácios aqueus não são encontrados somente em Micenas. No Peloponeso são numerosos os vestígios de palácios fortificados.

Os aqueus chegam à Grécia, aponderam-se do continente, expulsando os povos que aí viviam. O primeiro empecilho à sua expansão é Creta. Entretanto, a 1400 A.C. invadem a ilha, destruindo a bellissima e pacata civilização que aí se desenvolvia. Nesta data começa o apogeu de Micenas, e o que nos leva a supor ao saque de Creta (Cnossos, sobretudo) e mesmo de artistas daí trazidos para Micenas.

Através da Mitologia

A autora de "Os Aqueus" salienta, em seu estudo, a preocupação dos antigos em dar explicação da origem de seus governantes através do sobrenatural. A mitologia grega afirma serem os aqueus filhos de Dânao que, temendo o irmão Egito, foge para Argos, onde procura o rei Gelanor de quem recebe o poder espontaneamente. Segundo outras versões houve luta, na ocasião irrompe um lobo da floresta, que ataca o rebanho e mata o touro. O fato é tomado como indicação para o forasteiro tornar-se rei. Dânao faz elevar um santuário dedicado a Apolo Lício.

A Escrita

As placas de argila encontradas nas escavações em Creta, e em Micenas, revelam a escrita desses povos. Em 1953, M. Ventris e J. Chadwick apresentam a decifração da maior parte dos sinais, partindo do princípio de que as placas micênicas servem para escrever o grego. A escrita aqueia ou linear B, como é conhecida, utiliza mais de 80 sílabas. Pode-se afirmar que é baseada na escrita cretense, classificada como linear A. Data dos séculos XIV e XIII A.C. Nas tábuas estão gravados inventários e uma preciosa relação sobre a taxa em trigo, porcos e outros produtos que algumas aldeias devem fornecer:

o que denota uma monarquia altamente burocrática.

As placas são encontradas em todos os reinos aqueus, e de grande unidade, sem nenhum sinal de decadência. Desaparecem bruscamente, juntamente com os palácios, por ocasião da chegada dos dórios.

A Arte

Os aqueus, ao ocuparem o solo grego, possuem as características das sociedades indo-europeias. Rapidamente assimilam a arte local, revelando o alto senso artístico dos mestres cretenses. Aqueles rudes guerreiros sensibilizam-se em contato com a arte, patrocinam os artistas e revelam requintada vida espiritual.

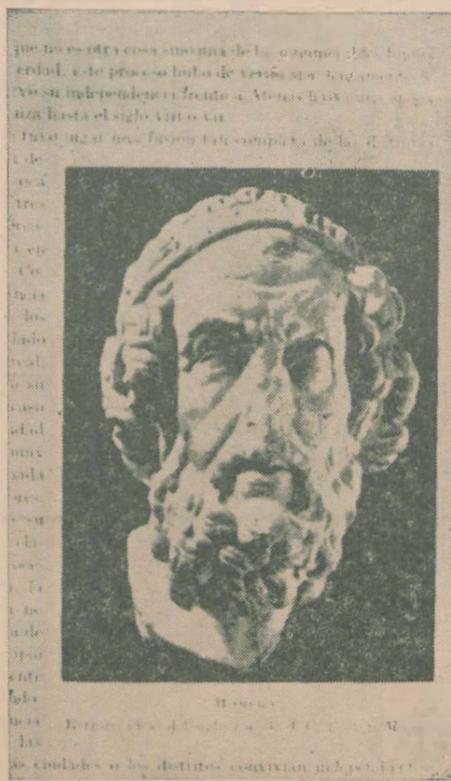
Os belos palácios fortificados dos aqueus apresentam salões revestidos de afrescos com temas guerreiros que se repetem, como por exemplo: guerreiros e cavalos compondo frisos, ou cenas onde dois senhores partem para a caça com azagaias ao ombro. Em todas essas pinturas é visível a influência da arte desenvolvida em Creta, o que faz supor a vinda de artistas para Micenas quando da invasão dos aqueus à ilha. Até mesmo nos temas, os afrescos micênicos revelam a influência cretense ao representarem, por exemplo, mulheres ricamente adornadas em seus trajes de gala.

Cerâmica e Ourivesaria

A cerâmica que atingiu o ápice entre os cretenses, estiliza-se sob os aqueus. É produzida em grande quantidade, entretanto sua decoração, inicialmente simplificada, é depois reduzida a faixas horizontais e rosáceas. A textura e a forma revelam esmero, com a predominância do "vaso de estribo", da "cabeça do peregrino" e da "taça de champagne".

Alto nível atingem os aqueus na ourivesaria. As incrustações de metais e pedras preciosas são perfeitas. Já nos referimos à taça, descrita na Ilíada. As armas são verdadeiras jóias, acompanhando o guerreiro em seu túmulo. Segundo a técnica cretense são forjadas, cinzeladas e engastadas com pedras preciosas. Um punhal de bronze encontrado em Micenas revela cenas da caça ao leão em incrustações de ouro e prata.

Tudo nos leva a crer que a arte aqueia partiu do alto nível a que atingira em Creta, ultrapassando, entretanto, a simples cópia e adaptando-se à cultura nórdica.



Homero tratou dos aqueus na Ilíada



Estrutura sócio-econômica

A agricultura e a pecuária ocupam lugar de destaque na economia dos aqueus, com excedentes de produção que possibilitam um ativo comércio.

Os mais altos dignitários — o rei e o lawageta — encontram-se na posse de grandes propriedades. Campos menores são entregues a funcionários e oficiais de alta patente em troca de serviços prestados.

Ao conquistarem o território, os aqueus se apoderam de toda a terra cultivável e tem início as grandes propriedades comunitárias.

A indústria encontra-se bastante desenvolvida. A cerâmica é importada em belos vasos decorados que hoje nos possibilitam rigorosa datação histórica. Na ornamentação é constante a presença do polvo, indiscutível presença da influência cretense.

A armaria em bronze já é utilizada. São produzidos trabalhos em metais preciosos e em marfim. A indústria têxtil nos é revelada através dos afrescos onde os belos trajes são delicadamente pintados, tanto de mulheres como de homens.

O Comércio

É indubitável a existência de ativo comércio no Mediterrâneo pelo grande número de objetos micênicos aí desenterrados. Esse comércio não se limita às regiões sob o domínio aqueu. São evidentes as trocas entre os egípcios, os sírios, os fenícios.

Os produtos micênicos ultrapassam a orla costeira chegando a Hamag, Kadesh, Mesopotâmia. Também a Mileto e Cólifon. No Ocidente, a Siracusa e Tarento e, ainda, nas Ilhas Lípari, comprovando assim a existência de remoto comércio.

Todo esse comércio torna necessária uma marinha avançada. São conhecidas

as miniaturas de seus barcos, sendo a mais comum o navio a remo, dotado também de mastros e velas, possibilitando conjugar a força do vento à dos remadores.

A pirâmide social

A sociedade encontra-se estruturada em bases hierárquicas. O rei ou wanax, no alto da pirâmide, é auxiliado pelo vizir ou comandante supremo. Entre os funcionários destacam-se os "héquetai", os "basiléis", posteriormente o maior título no Império Bizantino. Sacerdotes e sacerdotisas são importantes e muito considerados.

O "damos" ou povo encontra-se abaixo das classes privilegiadas. Entre as profissões liberais encontra-se a de médico, arauto e burocrata. Na classe dos artesãos são comuns o padeiro, o ferreiro, o carpinteiro, operários de construção naval, o oleiro e o tecelão. Abaixo estão a de camponeses e os escravos.

A moda

Na moda é forte a influência da ilha de Creta. As mulheres usando saia larga e blusa de fundo decote ou vestidos sem mangas com cintura bem marcada. Os homens usam calção ou blusa curta e um manto. O uso de jóias é comum, mesmo daquelas que despertam a atenção.

A Religião

Um sincretismo de elementos cretenses e nórdicos constitui a base da religião entre os aqueus. Os deuses são dotados de nome e personalidade. Podemos citar: Zeus, Posidaéja, Hermes, Hera, Atena entre outros. Zeus se identifica com Dyauh, deus védico e com Júpiter (romano). No culto é indispensável a presença do sacerdote. Entre suas funções destaca-se a consagração de oblações que funcionam como primícias das colheitas. As casas

particulares são dotadas de um local destinado ao culto doméstico aos deuses.

Os usos funerários são conhecidos através dos túmulos. Os sepultamentos são feitos em necrópoles, sempre a oeste do habitat humano, talvez por dupla influência: cretense e egípcia. O fosso inicial transforma-se em câmara. Os corpos depositados em caixões, são colocados nos corredores. A complexidade dos túmulos nos assegura a crença numa vida além túmulo.

Comum ainda entre os aqueus é o culto aos heróis que são os grandes senhores que, ao morrerem, são divinizados e cultuados com requintes de esplendor.

A Herança Indo-Européia

Antes dos aqueus a Grécia é portadora de requintada cultura, que é abalada com a chegada desses, mas logo assimilada e impulsionada. Não chegando em número elevado, os aqueus se impõem pela força. Numerosos palácios fortificados, espalhados por toda a região, patenteiam o caráter belicoso dos aqueus e sua ocupação da quase totalidade do solo grego.

O mundo ocidental — o nosso mundo — apola-se em tradições judaico-cristãs e grego-latinas. Os aqueus contêm em embrião tudo o que desabrochará mais tarde na Grécia clássica e Helenística.

Martha de Mello Torres finaliza seu belo trabalho citando H.D.F. Kitto: "Numa parte do mundo, que durante séculos tinha sido civilizada, e em alto grau de civilização, emergiu lentamente um povo não muito poderoso, não muito forte, não muito bem organizado, que tinha uma concepção totalmente nova da finalidade da vida do homem, e que mostrou pela primeira vez as possibilidades do espírito humano".



ÁRIES
21 de março a
20 de abril



TOURO
21 de abril e
20 de maio



GÊMEOS
21 de maio a
20 de junho



CÂNCER
21 de junho a
21 de julho



LEÃO
22 de julho a
22 de agosto



VIRGEM
23 de agosto a
22 de setembro



LIBRA
23 de setembro a
22 de outubro



ESCORPIÃO
23 de outubro a
21 de novembro



SAGITÁRIO
22 de novembro a
21 de dezembro

Astrologia

UM FASCÍNIO MUITO ANTIGO

A Astrologia — ciência das estrelas na concepção grega — é um dos mais controvertidos e fascinantes temas da cultura humana. Ciência ou pseudo-ciência, a Astrologia não pode ser cientificamente determinada, mas sua existência pode ser comprovada através dos mais antigos documentos históricos. Portanto, é fácil concluir que já houve crença na Astrologia antes de sua referência nesses documentos. Mesmo porque o homem primitivo nunca deixou de lado as preocupações com sua própria origem e seu destino, e, assim, é natural que tenha procurado uma explicação para os diversos acontecimentos de sua vida, para as diferenças entre seus semelhantes, perguntando-se provavelmente, se não havia alguma conexão entre o movimento periódico dos astros e a vida do homem. Ora, se é verdade que a humanidade tende instintivamente para a ordem, ao mesmo tempo em que os indivíduos procuram racionalmente conferir um sentido às coisas, o estudo dos corpos celestes não seria senão uma consequência lógica na tentativa de compreensão do mundo e satisfação do espírito.

a ciência e a medicina modernas não conseguiram encontrar explicações satisfatórias para esses fatos.

A Astrologia sempre defendeu a idéia de que, por ocasião do nascimento de alguém, a posição dos corpos celestes, bem como suas irradiações, influiriam enormemente no seu caráter. No entanto, não passa de uma tolice supor que as pessoas nascidas numa mesma data terão as mesmas características ou o mesmo comportamento. Uma criança sofrerá diversas e diferentes influências, como educação, meio ambiente, hereditariedade, condições econômicas, etc., e todas contribuem invariavelmente para a formação do seu futuro caráter. Mas, segundo os astrólogos, tolce maior é não acreditar que as pessoas nascidas sob o mesmo signo do zodíaco não possuem certas características básicas diferentes dos nascidos sob quaisquer dos outros onze.

É superstição? É uma filosofia?

Num texto babilônico, escrito por volta do ano 700 a.C., há uma referência ao cinturão zodiacal, descrevendo-se quinze constelações como compreendidas no mesmo. Com o tempo, o número de constelações principais foi reduzido a doze e o cinturão zodiacal dividido em doze seções de 30° cada uma. O sol, que passa através do zodíaco uma vez por ano, era visto então como "residindo" em cada signo do zodíaco, sucessivamente por um período de 30 dias.

O zodíaco é uma zona circular cuja eclíptica ocupa o centro. É o caminho que o sol parece percorrer em um ano e nela estão colocadas as constelações chamadas zodiacais que correspondem, astrologicamente, aos doze signos. Não há, historicamente, nenhuma certeza quanto à origem do zodíaco. Nos monumentos antigos da Índia e do Egito foram encontrados vários zodíacos, sendo os mais célebres o de Denderah e os dos templos de Esné e Palmira. Talvez a Babilônia tenha sido seu berço e tudo leva a crer que as figuras que o compunham, primitivamente, foram elaboradas com os desenhos das estrelas que compõem as constelações, associados a determinados traços que formam o substratum dos alfabetos assírio-babilônicos.

Cosmicamente, o zodíaco representa o homem arquetípico, contendo: o binário masculino-feminino, constituído pela polaridade positivo-negativa dos signos; o ternário rítmico da dinâmica universal, ou seja, os ritmos impulsivo, estável e mutável; o quaternário, que representa os dois aspectos da matéria, cinético e estático, que se traduzem por calor e frio — umidade e secura. Este quaternário é encontrado nas forças fundamentais — radiante, expansiva, fluente e coesiva — e em seus quatro estados de materialização elementar: fogo, ar, água, e terra.

As criaturas escolhidas para representar as constelações foram tiradas do mundo cotidiano das civilizações primitivas da região do Mediterrâneo, especialmente as da Babilônia e Assíria. Há sete signos bestiais: Áries, o Carneiro; Touro; Câncer, o Caranguejo; Leão; Escorpião; Capricórnio, o Bode e Peixes. Quatro signos são humanos: Gê-



CAPRICÓRNIO
22 de dezembro a
20 de janeiro



AQUÁRIO
21 de janeiro a
19 de fevereiro



PEIXES
20 de fevereiro a
20 de março

meos; Virgem; Sagitário, o Arqueiro (Embora seja metaforicamente de cavalo, Sagitário é considerado humano por causa da atividade humana — disparando uma flecha — com a qual é associado); e Aquário, o Aquadeiro, Libra, a Balança, não é bestial nem humano, mas é julgado um signo humano devido à sua preocupação com a justiça.

Em seu trabalho para documentar os movimentos dos planetas, os primeiros astrólogos da Babilônia e Assíria viram que os fenômenos nos céus se repetiam. Desse modo, criaram as primeiras tabelas dos movimentos planetários. As efemérides mais antigas de que se tem notícia datam do reinado de Assurbanipal (669-626 a.C.). Por outro lado, também os egípcios foram cientistas afamados e observadores entusiastas dos céus, produzindo mapas estelares desde o quinto milênio a.C. Sua preocupação com a elaboração de calendários e com a matemática ajudou consideravelmente o progresso da Astrologia; as funções astrológicas das grandes pirâmides são pesquisadas até em nossos dias. Ramsés II, um dos seus reis-astrólogos, foi quem fixou os quatro signos cardiais — Áries, Libra, Câncer e Capricórnio. Ao morrer, em 1223 a.C., teve sua tumba ricamente adornada com símbolos astrológicos. Um relevo do templo de Denderah, datado de uma época remotíssima — cerca de 30.000 a.C. — mostra a primeira representação pictórica de que se tem conhecimento: mais precisamente, dois zodíacos são retratados, um dentro do outro, apoiados em quatro figuras femininas, em pé.

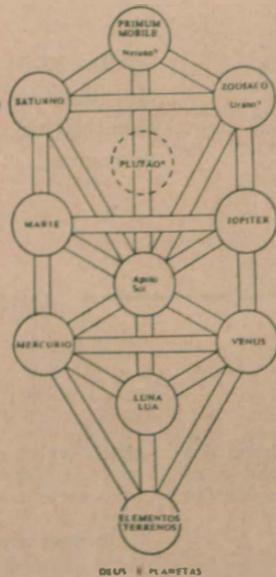
A Astrologia tem florescido sempre em meios civilizados. Com a queda de Roma e o início da Idade Média, a ciência (?) passou por um período de obscuridade. No entanto, sobreviveu algum interesse nos mosteiros e acusados estudos foram efetivados no Oriente Médio, onde famoso astrólogo árabe (Albumassar)

escreveu: "Só através da observação da grande diversidade dos movimentos planetários podemos compreender as inumeráveis variedades de transformação neste mundo".

A partir do renascimento, que para muitos historiadores significa a primavera do continente europeu, a Astrologia nunca deixou de estar no primeiríssimo plano dos estudos esotéricos. Hoje, evidentemente, ela vai se tornando uma parte essencial de nossa cultura e cria uma inestimável e sólida contribuição em muitos campos, incluindo os terrenos de negócios, psiquiatria, ciência, educação e lei. E, usando as palavras de Jung, "bate às portas das universidades". Anualmente astrólogos do mundo inteiro organizam conferências internacionais para trocar informações e discutir novos caminhos que ligam a Astrologia a todas as formas de disciplinas científicas. Ela tem sido utilizada, por exemplo, para a medicina: na Tchecoslováquia, o médico Eugen Jonas vem experimentando a Astrologia para a predição do sexo de crianças, além de encontrar evidências impressionantes que demonstram que a fertilidade das mulheres varia de acordo com os movimentos do sol e da lua.

Ao mesmo tempo, os astrólogos e estudiosos da Astrologia são homens que cultivam ainda, uma séria enorme de outros interesses, desmentindo aqueles que os vêem única e exclusivamente preocupados com os astros. Ora, um astrólogo pode ser um político exemplar, inteligente, culto e saneador dos muitos males que afetam as estruturas das sociedades. Pode ser um grande poeta, como o irlandês William Butler Yeats ou o português Fernando Pessoa. Pode ser um médico como o suíço Jung. E, assim, constata-se facilmente que um astrólogo é um homem como outro qualquer, com a vantagem de possuir, não raro, uma visão mais abrangente das coisas.

É bastante provável que haja realmente uma conexão entre o espaço sideral e a terra. Hermes Trismegistus, esse nebuloso pai dos assuntos esotéricos, já concluiu que "o que está em cima é igual ao que está em baixo", ou seja, os acontecimentos terrestres são um reflexo dos acontecimentos no resto do universo, entre as estrelas. E, apesar de não haver uma definição concreta a respeito das origens da terra, é fora de dúvida que os corpos celestes exercem influência fundamental na vida do nosso planeta. A influência da lua na terra, nos seres humanos e nos animais se manifesta de várias maneiras. Por exemplo: o ciclo menstrual de grande parte das mulheres corresponde exatamente ao período de um mês lunar. O período de gravidez nos seres humanos dura 273 dias, o que equivale a nove meses lunares. Sabe-se, por outro lado, que a preamar e a baixa-mar são causadas pela lua e que esse ciclo periódico das águas não ocorre somente nos oceanos, mas em todas as suas ramificações. Isso pode explicar também a influência do nosso satélite na vida vegetal: durante séculos, as atividades agrícolas foram organizadas de acordo com as suas fases. O mesmo ocorre no que diz respeito à vida animal. Aves de arribação, por exemplo, só debandam durante ou próximo à lua cheia. Certos pel-



xes, sobretudo enguias, só se movimentam durante certas fases da lua. Da mesma maneira, o homem pode ser afetado pela variação das fases lunares. Algumas enfermidades chegam a um estado crítico durante certas fases da lua e já é fato comprovado que o índice de crimes em alguns países é mais alto durante a lua cheia. Também as atividades sexuais, tanto no homem como na mulher, podem sofrer alteração, havendo quem diga que o grau de excitação sexual é maior numa certa fase da lua. E, apesar das muitas buscas e indagações,

"Nasce, senhor, quando o Caranguejo estava ascendendo: todos os meus negócios andam para trás", observou um personagem de Shakespeare, tudo indicando que o poeta entendia do assunto. Nada de estranhável. A Astrologia tem enfeitado a imaginação de quase todos os grandes homens, desde São Tomás de Aquino ("Os corpos celestes são a causa de tudo o que ocorre no mundo sub-lunar") até Carl Gustav Jung, o renomado psicanalista. Tycho Brahe e Johannes Kepler usaram seus conhecimentos astronômicos em seus estudos astrológicos. Kepler não acreditava na Astrologia com uma fé cega, mas foi obrigado a admitir que "uma experiência infalível de acontecimentos mundanos em conformidade com as mudanças que ocorrem nos céus instruiu e compeliu minha crença relutante". Dante, por sua vez, possuía vastos conhecimentos astrológicos, não sendo desprezível a noção de que o admirável poeta jamais teria escrito a "Comédia", sua obra máxima, não fosse tais conhecimentos. Através da Astrologia, e ele próprio o reconhece, o universal florentino pôs em prática a máxima socrática que condiciona a sabedoria de um homem ao conhecimento que porventura tenha de sua própria natureza.

Que coisa é essa que impressiona a mente de homens tão ilustres? É advinhação? É uma ciência?